

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não ha neste portentoso paiz, fadado, como se repete, ha um seculo, em estylo de Fala do Throno, para os mais altos destinos, quem desconheça a necessidade urgente, inadiavel de cuidar da produçãõ nacional de que toda a gente se occupa com desvelado carinho, com sciencia a rãdo, sem a indicaçãõ de um plano viavel, proveitoso, fóra dos carunchosos processos de um empirismo vesgo.

O Imperio se desmoronou entre brilhantes promessas de auxilios á lavoura, promessas que não conseguiram deslumbrar os plantadores de café, nem os consolar da perda dos braços roubados pela abolição da escravaria. A Republica surgiu numa idade de ouro, que suffocou todas as queixas, descortinando uma perspectiva de prosperidade solida, duradoura, attingindo a phase do delirio, como si um virulento contagio de megalomania tivesse invadido até a medula do organismo nacional. Passado esse periodo agudo de allucinaçãõ, veio o colapso; entraram a vacillar os castellos doirados construidos sem fundamentos sobre um sãlo inconsistente, apressadamente, como o traço da imaginaçãõ exacerbada pelo prestigio dos Aladinos que rebentavam por toda a parte aos magotes, qual mais atilado, qual mais miraculoso, suscitando pretextos para toda a sorte de emprehendimentos geniaes ou absurdos, acãrdando estremunhados do velho somno da poupança, de economia pé de boi, os mais desconfiados, os mais ariscos e os mais usurarios. As venerandas arcas chapeadas de ferro, os grandes cofres suggestivos, as gavetas obscuras, os pés de meia, contendo os thezouros da previsãõ, os resultados de privações inenarraveis, de sacrificios crueis, fóram despejados nas caldeiras sorvedouros onde a *chimica* fundia o ouro dos monstruosos

capitães das phantasticas emprezãs promettedoras de beneficios portentosos.

A lavoura, especialmente a produçãõ do café, foi victima de escol dos alchimistas que sacrificaram ao merifico invento de pedra philosophal da regeneraçãõ, da propulsãõ de todas as fontes de riqueza e por isso mesmo soffren as funestas consequencias da decepçãõ quando, desfeitas as brumas do sonho, se restaurou a exacta visãõ das coisas. E desde entãõ, recrudescu a crise economica e financeira com ephemeras remissões, recalitrante ás panacéas, aos planos, aos processos de toda a mestrança indigena.

Teem-se utilizado, em vãõ, os recursos mais engenhosos da sciencia e da política; teem-se suggerido as mais cerebrinas medidas; aconselhou-se a destruiçãõ pelo fogo dos cafezaes excessivos, exuberantes, como si fõssem criminosamente ubertosas as fecundas entranhas da terra roxa; inventou-se, afinal, no extremo aperto da crise obstinada, o *Convenio de Taubatê*, que despontou entre os clamores do entusiasmo do desespero como a magica palavra da salvaçãõ indicando o *x* do teimoso problema.

Nós, como toda a gente, não somos infensos á idéa de promover, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e a valorisaçãõ da produçãõ nacional, porque não atinamos ainda como se possa augmentar o valor restringindo a capacidade natural dos mananciaes economicos. Si a Republica Argentina, tão calumniada agóra, pelos nossos economistas e financeiros, matasse os seus rebanhos ou queimasse os seus trigoas para augmentar o valor da lã e da farinha, deveriamos suppor, com sincera lastima, que os nossos amaveis visinhos e carissimos amigos na fraternidade sul-americana, estavam malucos. A industria platina conservou os seus rebanhos cada vez mais numerosos e as plantações cada vez mais extensas e conseguiu dar

progressivo valor aos seus productos, apesar da terrivel competencia que se lhes fazia nos mercados consumidores.

Esse brilhante exemplo indica que desenvolver não é incompativel com os intuitos valorisadores. Que não fariam os argentinos si das suas campinas saíssem duas terças partes da produçãõ da lã para o consumo mundial?

Chega a ser—porquê não dizel-o?—uma vergonha, uma lamentavel demonstraçãõ de incapacidade, vivermos, tendo a primazia do fornecimento de café ao consumo universal, subordinados á exploraçãõ de especuladores estrangeiros a jogarem, nas bolsas do Havre, de Nova York, os brilhantes destinos da nossa lavoura.

Os productores brasileiros habituaram-se á depressiva tutela do Governo, perderam o generoso impulso de iniciativa; queixam-se de permanente adversidade, queixam-se das safras abundantes, tambem das escassas, do cambio, como si este fõsse causa e não effeito, não percebendo que são os principaes, sinãõ unicos, responsaveis da desvalorisaçãõ do café.

A Argentina conseguiu, com o aperfeiçoamento dos processos de criaçãõ e cultura, competir galhardamente com os similares da America do Norte, da Europa, da Australia, da Nova Zelandia; nós, brasileiros, amarrados á rotina dos velhos processos condemnados, não podemos lutar com o terço da produçãõ do café dos nossos varios competidores victoriosos. E esse café, mal tratado, accuzando a nossa incuria, o nosso relaxamento, váe ser preparado, váe ser valorizado nos grandes emporios, onde se desnacionaliza, adoptando procedencias famosas de Moka, de Java, ficando brasileiro o de peor qualidade.

Das causas da desvalorisaçãõ poderemos ter noçãõ exacta, si considerarmos a pessima qualidade de café consumido aqui no Rio de Janeiro, o café

torrado, essa infamissima mistura de coisas pôdres, vendido a retalho por preços excessivos, criminosa industria de descredito superior aos esforços e meios de repressão da policia sanitaria.

Nessas precarias condições de costumes, eivados do virus da falsificação e de outros elementos deleterios gerados no esttume da preguiça e do relaxamento indigena, serão sempre inefficazes os meios occasionaes, transitorios, de acção ephemera, emquanto permanecerem as causas essenciaes do mal.

* * *

O convenio de Taubaté poderia ter os resultados de uma iniciativa patriótica, si não nascesse atacado de vicios de conformação: elle se desmoralizou antes de receber os sacramentos, a approvação dos Congressos dos tres Estados contractantes, approvação indispensavel para ser apresentado ao Congresso Nacional, uma vez que o café, para ser valorizado, se sobrecarregou com a taxa de tres francos por sacca, tributo dependente de lei estadual.

Póde-se affirmar que o Convenio deu o cacho. Gerado de paternidade multipla, nas entranhas da Colligação, elle produziu o blóco; serviu de pretexto para a permanencia, para o robustecimento da politica dos governadores, e cumpriu a sua lastimavel missão.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO
E Á SIRGA

Ao pôr do sol, encostámos ao porto da povoação de Nossa Senhora da Guia, situada á margem direita do Negro e acima da embocadura do Issana, onde vivem indios baniuas.

A Guia tinha uma capellinha já bastante arruinada e menos duma duzia de casas, todas de palha e algumas sem portas, nem janellas. Notava-se allí, como nas outras povoações, a mesma decadencia e o mesmo ar de pobreza.

Os principaes moradores do logar eram o negociante Pinheiro e frei Venancio.

Logar pequenino, inferno grande—bem diziam os antigos.

O missioneiro e o regatão viviam

intrigados e guerreavam-se. Um prejudicava os interesses do outro.

Frei Venancio era italiano, da ordem dos Franciscanos, e apascentava, naquella fim do mundo, magro rebanho de uma duzia de mulheres indigenas, que lhe teciam *maqueiras* e balainhos; e doutros tantos homens, que lhe pagavam, a contragosto, os baptisados, os casamentos e as encommendações, com paneiros de farinha, pelles de lontra, onça, caeteté e antas, linguas de *pirarucú* para ralar *guaraná*, banquinhos pintados e ralos do Uaupéz, queijos de borracha, *cabeçudos* e *tracajás*, peixes moqueados, favas cheirosas de *cumarú* e *puchury*, flechas e arcos, *acangatáras* e *sarabatanas*, oleo de cupahiba e mel de abelha, *tupés* de *jacitara* e *maracás* enfeitados, panelinhas de *uirary* e *macacos barrigudos* ou *caiaráras* ou *prégos* ou *caxiús* ou *quatás*, (todos serviam), papagaios amarellos *parauátanas* preparados no Uaupéz com gordura de *pirarára*, *anacás* com seu bello diadema movel de delicadas plumas e toda a classe de *xerimbabos* e tudo que podiam conseguir para satisfazerem ao bom frade, que nada recuzava, mas não baptizava nem cazava fiado, porque *devia* edificar com o exemplo as suas ovelhas e ensinar-lhes a darem valor ao trabalho. Esta doutrina, combatida pelo Pinheiro Regatão, que fiava a todos, não deixou sem desgostos o missionario.

Era folgazão e hospitaleiro o bom do frei Venancio, que só perdia a alegria, quando forçado a referir-se ao rival. Os indios chamavam-lhe *payé tucura* (padre gafanhoto), pela semelhança que achavam entre o insecto e o frade, com o seu capúz.

Recebeu-me com agrado e fez-me muito bom agasalho.

O seu jantar, si não primou pela delicadeza dos manjares e não podia pretender referencias honrosas dum Brillat Savarin, foi extraordinario para aquellas paragens, saboroso e abundante. Depois duma sopa gorda de macarrão com muitas azeitonas, onde despejou algumas colheradas de pomesão ralado, veio uma gallinha de molho pardo com grandes pedaços de paio cozido e um prato travessa de talharim, que elle repetiu, como era natural. Enxugou uma garrafa inteira de *vinho santo* da sua terra, que preconizou com prazer intenso e convicção profunda. Para rematar, cavou fundo num queijo Gorgonsola e comeu-o com bolaxa. Era bom e muito jovial o meu caro amphytrião, mas creio que infringia a regra austera da sua ordem, na parte relativa ao quinto peccado mortal. Alto e gordo, de labios grossos, tinha a physionomia aberta e francos ares de bonachão.

Queixou-se-me dos indios — no seu conceito, raça de brutos e malandros, eivados de superstições grosseiras e por isso mesmo muito avessos ás praticas do culto religioso e incapazes de comprehenderem o cathecismo e a santa doutrina, que elle tanto se esforçava por lhes ensinar. Era uma injustiça áquella pobre gente, porque frei Venancio linguajava num portuguez que, bem longe de ser ladino, era antes uma gerigonça, em que predominava o italiano e onde appareciam estropiados vocabulos vernaculos e *nheengatús*.

Depois do copioso jantar, veio um café com canella. Accendemos os nossos longos cigarros de tauary e fumo aromatico de Borba e palestrámos algum tempo. O campo da Guia, na sua opinião, tinha poucas ovelhas e elle pensava em mudar-se para o rio Uaupéz, onde o rebanho seria maior e mais vantajoso. Demorou-se pouco e retirou-se. Deitei-me na minha maqueira de tucum armada ao canto da sala.

Dahi a pouco, ouvia no outro compartimento os roncões de frei Venancio, que parecia ás vezes falar pausadamente. Tive medo duma congestão e fui ver o que acontecia. Felizmente tudo cessou. Não pude saber si foi um pezadello.

No dia seguinte quando despertei antes do nascer do sol, já o bom frei Venancio voltava do banho e o sino da capellinha badalava chamando os neophitos á missa.

Dita e ouvida, partimos.

Pouco depois, enfrentavamos com a povoação de São Felipe, decadente e sem vida como as outras. Sésteámos em Carapanã, defronte da bocca do Uaupéz. A's quatro horas da tarde, deixámos para trás Cabary e uma hora depois chegámos a São Gabriel. Do Uaupéz para baixo, a velocidade da corrente augmenta muito e do Cabary até São Gabriel é um rapido só. Corremos pelo largo a cachoeira da Fortaleza. O rio encapellava-se em escarcéos que pareciam collinas separadas por valles fundamenté cavados, alteando-se e baixando sem cessar e nivelando-se além. Adeante surgiam da face liza columnas que gyravam rapidas por alguns momentos e desfaziam-se em flocos de espuma, matizando de branco as aguas negras. Mais de uma vez se nos abriu pela prôa immenso funil, rodando em rapidas espiras, e o proeiro vigilante e attento mettia o remo de encontro e desviava a *Dinorah*, guinando lesta e tangenciando á borda do abysmo, que remoinhava medonho alguns segundos mais, para fechar-se adeante. De vez em quando, o *jacumãiuá* gritava mas sem se esguellar, num tom de calma e confiança:

— *Peapucú curutén, peapucú kimbáú,* (remãe ligeiro, remãe forte). Os remeiros apertava e a canôa saltava airosa, afociphando no seu seio e empinando na crista.

A velocidade era vertiginosa e em poucos minutos chegámos ao grande remanso, que a marejada espumante nunca deixa de agitar. Demorei-me em São Gabriel dois dias, que aproveitei para escrever aos entes queridos, sem nada dizer-lhes da aventura.

Alli estava o meu presado companheiro e bom amigo Alfredo Costa, distincto official de marinha e membro da commissão. Desceu commigo até Camanáu e de lá seguiu para a Côrte com licença para tratar da sua saúde, muito alterada pela nossa ingrata vida de privações e máus ares.

Mandou-me da Trindade algumas bôas espias de piassaba.

Requisitei logo trinta indios, que a auctoridade me mandou apresentar. Fiquei para o nosso serviço com as canôas em que vieram.

Quando passei por São Gabriel, mandei chamar, e levei commigo, o velho indio Manoel Pedro, ex-praça do exercito e rei dos praticos daquella secção encachoeirada, que conhecia tanto ou melhor do que o rancho em que vivia. Não havia pedra, nem restinga, submersa ou descoberta, que o velho soldado não soubesse, nem remanso por elle ignorado. Pelo estado do rio, conhecia as correntes superficiaes e profundas, a sua direcção e intensidade. Era admiravel. Na pequena montaria atravessava, á noite, apenas com um curumy na prôa, do seu sitio para São Gabriel, descuidado das ameaças das cachoeiras.

Tinha a coragem de velho soldado e o sangue frio dos homens da sua raça.

Eu sabia que o Manoel Pedro seria capaz de tentar a passagem. Nenhum dos outros se atreveria. Convidei-o para a aventura e acceitou sem hesitar.

Hospedámo-nos no sitio do velho major Palheta, mestiço de indio, bom homem e a primeira auctoridade policial daquella zona até á fronteira venezuelana. Estava ausente. A casa tinha um avarandado na frente, onde armei a minha maqueira, e estava situada na margem esquerda, logo acima da grande quéda, num ponto elevado e pictoresco. O major havia conquistado á floresta uma pequena área, transformada em campo, onde algumas rezes pastavam, rabeando sem cessar pela perseguição das mutucas.

Logo após a nossa chegada, desci com o Manoel Pedro ao largo e bello remanso da cachoeira, onde a lancha balouçava, agitada de leve pelas marêtas mansas, que iam morrer nos chopos marginaes.

Disse-me o velho tapuya :

—A «boyassú» (cobra grande), mãe do rio, já desceu para a sua bahia, acima da bocca do Taruman. O rio agóra está baixando e é melhor esperar até que as aguas corram mansas. A lancha subirá com mais facilidade. Achei razoavel o que elle dizia e, apesar da minha impaciencia, concordei.

Elle estava amarrada pela prôa a uma arvore, que nascera numa fenda da rocha. O machinista, muito cuidadoso, tratava-a bem. Gostei de vela com o soalho amarellado de pinho de Riga, muito bem lavado, sem uma fusca sequer, com as costuras da calafeto muito negras, os bronzes reluzentes e as peças de aço polidas e brancas couro prata. Era americano, si bem me lembro, da Carolina do Sul e chamava-se Baxter. Entendia muito do officio e era um empregado exemplar no cumprimento dos seus deveres. Havia conseguido corrigir alguns defeitos da *Araujo*, mas o principal, que era a diminuição rapida da tensão do vapor, continuou, por ser essencial. Seria preciso substituir a caldeira insufficiente. O nosso foguista era o Pedro Osorio, fluminense de Nitheroy e ex-empregado duma padaria.

Completava a tripolação o Macario, crioulo bahiano, vivo e forte, que servia de timoneiro e fazia tambem de cozinheiro.

O Manoel Pedro foi de parecer que se deveria tentar a passagem de Camanáu, á espia sómente, como si a lancha fôsse um grande batelão, abstraíndo-se inteiramente da machina. Parecia-me razoavel e não era tão perigoso, pelo menos.

O dia 14 de agosto foi o escolhido por estarem as aguas em condições favoraveis. O rio baixava rapidamente.

Ao amanhecer, toda a gente reuniuse no remanso; a maior parte sobre as pedras, alguns em canôas.

O velho pratico dirigia a manobra. Estendeu, elle proprio, as grossas espias de piassaba de seis pollegadas, collocou por grupos os homens nos seus postos, descriminando-lhes as obrigações.

Desamarrou a lancha que parecia fria e indifferente a todas aquellas manobras, como si sentisse o rebaixamento e a humilhação a que queriam condemnal-a. Deixou-se conduzir á sirga pelo remanso, ao longo da penedia, até o estreito, onde as aguas despenhavam.

Quando a metteram no seio da espumarada e a pucharam com mais força pelas espias, refugou como um poldro bravío e quasi as arrebatou, na arrancada, das mãos da indiada.

Fôram baldados todos os esforços dos meus trinta homens e a habilidade do Manoel Pedro.

Como pezado batelão, a *Araujo* não passaria. Seria inutil insistir. Sómente a vapor. Voltou ao ancoradouro onde estava.

Dei então as providencias que fôram julgadas necessarias para o dia seguinte. Mandeí chamar o foguista Osorio e ordenei-lhe que fôsse á matta com duas duzias de indios cortar lenha escolhida da melhor madeira, em pequenos tóros.

Ao Baxter communiquei a minha resolução de forçar no dia seguinte a passagem a vapor, para o que a lancha deveria estar prompta ao amanhecer.

Reflectiu alguns momentos e pediu-me cortezmente que o dispensasse de tal serviço.

—Porque? — perguntei.

—Tenho mulher e filhos e nenhum interesse tenho em sacrificar-me nesta aventura.

Elle tambem fôra de opinião que a *Araujo* não passaria.

—Sinto muito, sr. Baxter.

E para ver si elle mudava de resolução, accrescentei :

—Nunca pensei que um americano se negasse a ajudar-me nesta empreza, onde ha algum perigo.

O bom homem, sorrindo friamente, murmurou :

—Pois eu receio e não tenho necessidade de arriscar-me.

O Osorio tinha seguido para o matto com uma grande faxina e ouviamos as pancadas dos machados manejados por mãos potentes, talhando os troncos robustos das madeiras rijas, que elle e os indios bem conheciam, e que iriam abraçar na madrugada seguinte as entranhas do vaporsinho.

Fil-o vir á minha presença immediata e dei-lhe a mesma ordem, que acabava de dar ao Baxter, accrescentando que este estava dispensado, tendo-se recusado a preparar a lancha.

—Eu tambem não posso ir, sr. capitão, e peço a v. s. que me dispense.

—Não e não. Por bem ou por mal, á vontade ou á força, você ha de cumprir a minha ordem. E' preciso levar a lancha até Marabitanas. Você é brasileiro e irá commigo.

— Oh xentes, seu Osorio, o senhor está com medo? Brasileiro é homem... — Disse o Macario.

— Si v. s. fôr, eu tambem vou.

Fôram as palavras do Osorio, ás quaes eu, mais animado pela remoção daquelle obstaculo imprevisto, retorqui :

— Prompte tudo para o clarear do dia. Tomará conta da machina e o Macario do fogo.

A machina era pouco complicada; e elle, rapaz intelligente e trabalhador, sabia manejar-a.

Tornou ao matto com o meu comprouvenciano *prôsa*, e á tardinha rumas de pequenos tóros de lenha vermelha e escura, de preciosísimas madeiras, accumulavam-se nas lages proximas á prancha que dava accesso á *Araujo*.

A noite foi fresca e o céu limpo de nuvens.

Armámos as nossas maqueiras nos esteios do avarandado do Palheta, o Manuel Pedro e eu. O indio velho, com vóz meio rouca, acompanhava na vióla, em triste melodia, uns versos nheengatús, dos quaes conservei os seguintes :

Uacuráu, jurúpary,
Ocutúca ce canêra
Andirá, mira catú
Omundéca ce candêa
Xauatá, uatá arama
Amú tetama rupi.

(O bacuráo, o demonio,
Feri a minha canella
O morcego, bôa gente,
Accendeu minha candeia
Para eu andar andando
Atravéz de terra extranha.)

E o fragor das catadupas, que se torna mais intenso á noite, servia de pancadaria áquella musica singela e melancolica.

* * *

O 16 de agosto amanheceu bello e risonho. As aguas pareciam faiscar aos beijos do sol nascente, e as aracuãs, na matta proxima, cantavam a curtos intervallos, ensinando-nos o nome por que os indios as conhecem.

A's oito horas da manhã, o Osorio deu-me parte que a lancha estava prompta.

Parecia um dia de festa. Toda aquella gente movia-se alegre, e alguns, apesar da fleugma que lhes é habitual, davam cambalhotas e cantavam o tangará-uirá maháta nerimbáo? (passarinho tangará, qual é teu xerimbabo?) De todos aquelles homens, eu, sómente, estava apprehensivo e cheio de cuidados. Sentí um estremecimento quando ouvi as palavras tão ardentemente esperadas: «A lancha está prompta». Não posso descrever a minha emoção. Estava prestes a cumprir a minha promessa; mas as vidas de tantos homens iam correr perigo por um capricho meu. Sentia todo o pezo da responsabilidade, que havia espontaneamente contraído.

Custasse o que custasse, porém, iria avante, e a lancha só não chegaria a Marabitanas si se espedaçasse nos parceis ou voasse, numa explosão, pelos ares. Embarquei cheio de esperanças e confiado na habilidade e coragem fria do Manoel Pedro. Os meus

companheiros, dentro na *Araujo*, eram quatro: Manoel Pedro, no leme de roda, á prôa; o indio Andréassú, na *esparrella*, leme de fortuna armado á pôpa para ajudar a manobra; Osorio, na machina; e Macario, na fornalha.

Como a minha vóz seria abafada pelo rugido das aguas, combinei apitar quando chegasse a hora de envidar todo o esforço para alar as espias. Assumi o commando e, de pé na prôa, mandei largar a amarra que nos prendia á terra. O vaporsinho era detido sómente pelas espias que trinta indios seguravam. Percorreu, garboso, a distancia que nos separava da grande quéda, a pouca força, subindo o remanso, abefrando as pedras e costeando o rochedo lizo e baixo. Já as marejadas começavam a agital-o fortemente, quando mandei: — «toda força» e apitei tres vezes para alarem as espias *alahuna*. O manometro marcava 60 libras de pressão. Não era prudente ir além, por não inspirar confiança a caldeira, já muito uzada. O Manoel Pedro, no leme, mantinha-se calmo e lésto, como um rapaz. Quando a prôa entrou naquellas aguas revoltas, a *Araujo* empinou, e cachões espumantes penetraram pelas bordas. O timoneiro endireitava-a para a margem, onde a prendiam as espias, que entezavam mais e mais. A pôpa submergia-se e a agua já lavava o convéz de ré. O momento era critico e o quadro devia ser impressivo. A lancha bem podia comparar-se a um cavallo prestes a *bolear-se*.

O Macario, afogueado, nú da cintura para cima, quando em cascatas, lançava na fornalha braçadas de lenha, e o Osorio molhava os bronzes, demasiado quentes. Não avançavamos uma pollegada. As espias cada vez rangiam mais vibrantes e parecia que iam estourar. Já durava sobremaneira a lucta e o manometro começava a baixar. Bradei ao fogueista: — «mais lenha» e a fornalha rubra recebeu um feixe de achas. Apitei muitas vezes, agitando o lenço e batendo impaciente com o pé no convéz. Os indios gemeram nas espias, comprehendendo a solemnidade daquelle momento e alguns segundos depois galgavamos a crista da cachoeira e deslizavamos, placidos, pelo remanso de cima até encostar á margem pedregosa. Estava desvirginada pelo vapor a zona das cachoeiras do rio Negro e quebrado o seu encanto.

Aquella bôa gente, que havia trabalhado com tanta dedicação, merecia a recompensa do repouso. Continuaríamos a viagem no dia seguinte.

A minha alegria era indescritivel e todos sentiam o seu influxo, inclusive os indios, que são difíceis de expandir-se. Promovi o Osorio a machinista. Ao Macario dei o logar do

Osorio. Ao Manoel Pedro prometti uma bôa gratificação. Elle a merecia muito generosa. Cada indio teria tambem a sua. Todos ficaram contentes e animados.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PÊCHÉS DE JEUNESSE

Acabo de ler dois volumes do dr. Raymundo de Sá Valle, consul brasileiro em Barcelona: o primeiro é um livrinho que contém cerca de cincoenta poesias: o segundo, uma obra de erudição magistral sob o titulo: *Des Agents Diplomatiques, Cours Professe à la Faculté de Droit de l'Université de Genève par Raymundo de Sá Valle — Licencié et Docteur en Droit, Ex-Professeur Privat Docent de la même Faculté, Membre Honoraire de l'Institut National de Genève, etc.*

De qual das duas obras devo falar primeiro? Das inspirações do poeta ou das elaborações do publicista?

Cada um segue as suas tendencias, prefere as suas inclinações. Os poetas, segundo ouvi dizer, são de raça privilegiada, filho dos Deuses, superiores á vulgar humanidade.

Os publicistas — especie de juristas — são gente que me parece algumas vezes insuportavel, discutindo interminaveis questiunculas.

Decido-me pelo bardo e deixo de parte o homem versado nas doutrinas de Grotius, de Vattel, de Bluntschili e do nosso illustre compatriota — o conselheiro Lafayette, que escreveu dois volumes sobre o Direito Internacional, obra que, em França, na Alemanha ou na Inglaterra, seria considerada classica; seria reputada um monumento de paciência e laboriosa sciencia.

Ora o publicista espere que chegue a sua vez e que eu resolva a me perder nos espaços de sua sciencia. Não hei de trocar o alvorecer do dia, que lembra as esplendidas pompas da primeira hora da criação, pelo entardecer, que nos embebe nas tenebrosidades da noite.

E' mais agradável discretar ácerca dos homens inspirados, que sentem *o Deus in nobis*, do que sobre praxistas.

O dr. Raymundo de Sá Valle é natural duma terra, que Plinio Junior dizia — *poetarum ferax*.

O Maranhão sempre se uotabilizou pela cultura das lettras, mesmo na era colonial, ouzando competir com a Bahia, que enviava um cento de estudantes a Coimbra.

A Bahia, veterana das provincias, a *filha primogenita de Cabral*, conforme a exaltava o prodigioso improvisador Francisco Moniz Barretto, natural-

mente teria maior numero de alumnos que fôsem beber as sciencias na velha cidade do Mondego, outr'ora residencia dos monarchas portuguezes.

O Maranhão conta varios poetas notaveis: o classico e erudito Odorico Mendes, traductor da *Iliada* e da *Eneida*; Gonçalves Dias, cuja voz é uma melodia, cujo verso um primor, cuja poesia é o echo das harmonias divinas; cujas imagens são bellas como os fulgores do arrebol da aurora, e, ás vezes, saudosas como o ultimo lampejo do crepusculo da tarde. Conta ainda Trajano Galvão, Franco de Sá, Lisbôa e outros, que nobilitam o nome da terra natal.

Entre estes eleitos das muzas, nenhum teve a fortuna do cantor dos *Tymbiras*. Desde que publicou, ainda estudante em Coimbra, os *Primeiros Cantos*, a voz auctorizada do pontifice da literatura portugueza sagrou-o poeta.

Regressando ao Brazil, o preconizador dos *tacapes*, *boré* e *maracás*, achou, no imperador d. Pedro II, um solícito e constante amigo, como Horacio e Virgilio tiveram em Augusto.

Em brevissimo tempo, Gonçalves Dias erguia a fronte laureada pela fama. O seu genio conquistava os applausos de seus compatriotas; porém a rapidez e o brilho de sua carreira, a acceitação geral do seu talento, deve-a ao Imperador, que o distinguia como uma das glorias da literatura do seu Imperio.

O genero facticio da inspiração americana, selvagem, como a solidão desesperadora das nossas mattas e montanhas, obteve estrondosa voga, desde 1846 até 1860, pouco mais ou menos. A mocidade, avida de novidades, tomou-se de entusiasmo pelo *americanismo* e ficou profundamente convencida de ter o auctor dos *Tymbiras* a verdadeira expressão da poesia brasileira.

O indio, tocando a inubia, ou empunhando a flecha, foi o herôe dessa phase das nossas preoccupações literarias.

Não havia um escolar, em cujo cerebro luzisse um pensamento, perpassasse uma sensação, que a não exprimisse em verso, segundo o *indianismo*. Tivemos nessa temporada uma alluvião de poetas, armados de *boré* e *tacape*.

A theoria assentava sobre elementos fracos; creou um genero falso e ephemero.

O entusiasmo arrefeceu: o genero literario é qual móda: não perdura; bem rapido, passa.

Quem, hoje, teria a *simploriedade* de escrever um volume de versos, como se publicaram tantos, durante o fervor do *indianismo*? Si o fizesse algum *laudator temporis acti*—as gerações actuaes

que teem novas ambições e idéas — não desleixariam siquer furtivo olhar sobre o volume.

As gerações novas teem sobeja razão de regeitar muitas obras e idéas do passado. Que era o passado sinão um aggregado de gerações, que se succederam de vinte em vinte annos? (1).

Estas gerações trazem suas idéas, gestos, ambições: cada uma tem sua missão. Porque ha de o passado acorrentar o presente e este pretender immobilizar o futuro? As idéas e os actos duma geração não são preferiveis e melhores, do que as idéas e actos duma geração; não são preferiveis e melhores do que as idéas e actos das outras. Cada uma procede segundo sente e pensa. Impôr a uma epocha os usos e costumes de outra é praticar detestavel tyrannia.

Felizmente a historia mostra-nos um facto constante, que se pôde reputar uma lei sociologica: cada geração construe, a seu modo, a obra social, litteraria e politica; refaz ou destrôe a parte do passado, que ao seu temperamento não comporta. Si assim não fôsse, nunca se realizaria o progresso, que é a força vital das sociedades humanas, cujos destinos passam e terminam sobre a terra.

O *indianismo* de Gonçalves Dias teve ephemera duração. Aquillo que não passou foi a melodia dos versos, a espontaneidade deliciosa daquellas canções.

«Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgiejam
Não gorgiejam como lá»...

O que era a pujança do genio a geração nova não regeitou, nem reformou; ao contrario, sobrevive, ainda admirado: o canto do poeta é imortal.

Tudo, porém, que foi theoria litteraria do *americanismo* reduziu-se a pó, que a geada de poucos annos já dissipou.

De certo, não é a theoria resultante da mente do pensador, sem as emoções da vida, que fórma a poesia nacional; esta só nasce e borbulha viva, sonora, communicativa, attrahente, do sentimento e do pensamento popular.

Gonçalves Dias, com o seu *indianismo*, em deliciosas estrophes, dizia ao povo brasileiro: eis o vosso sentir e pensar; eis a expressão da vossa vida.

Mas o povo e todos nós, *una voce*, respondiamos: como, si não entendemos esta linguagem; si não sabemos o que é *tupan*, *tacape*, *maracás* e *boré*?

Quereis dar como expressão da nossa alma, do nosso sentir, pensar e falar, aquillo mesmo que absolutamente não comprehendemos?

Falemos francos: a poesia de Gonçalves Dias na parte theorica — *a fait son temps*; na parte genial, continúa a ser lida e applaudida, qual criação suavissima duma alma inspirada.

* *

O dr. Raymundo de Sá Valle é da terra uberrima de poetas. Coube-lhe tambem o dom divino, que as irmãs do Pindo não facultam a todos os mortaes. O agraciado, porém, não quiz versejar na lingua portugueza; preferiu escrever no idioma francez. A curiosidade inquire o motivo da preferencia. Eu, por mim, penso que não lhe faltam os labores da metrificacão do seu conterraneo e temos a prova na ligeira estancia, a primeira do volume, escripta em portuguez.

«Oh! tempo da mocidade! Tempo duma
[idade d'ouro!
Porque fugiste veloz, inexgotavel thesouro?!
Porque encerraste, velhice, em horrivel
[ataúde

Esp'ranças, crenças, saúde?!»

E, nesses versos, exála-se, da consciencia, sincera e amargurada confissão, feita pelo proprio auctor do volume que estamos annunciando aos leitores, sobas apparencias dum estudo critico de méra informação.

O poeta não é de *la première jeunesse*. Já attingiu a quadra da existencia em que as phantasias d'alma cáem cobertas palas escarchas da idade. Já vê encerradas esperanças e crenças. Já exclama que a *mocidade fugiu veloz!* Denuncia-nos as angustias do coração, que amou e sente que já não pôde amar e menos gozar.

E', pois, agóra que se lembrou de publicar o pequenino volume de versos, intitulado *Pêchés de jeunesse*.

Os poetas são de natureza diversa dos outros homens; elles pensam e sentem differentemente. Qualquer outro individuo que exclamasse, com amargura, contra o estrago dos annos, que acabava com o amor, que enfraquecia a vida, que destruía a mocidade e, com esta, as esperanças e os ardentes desejos e sonhos de ventura, iria pedir, genuflexo junto do altar, perdão da culpa e dos peccados. Ao contrario, o auctor vem fazer praça desses peccados sem contricção e arrependimento. Ostenta, na actual fraqueza, as victorias de amorosa lida. E' daquelles incorrigiveis e impenitentes, que o gibelino Dante viu, errantes, atravessar as sombras infernaes...

Percorramos, subtilmente, as paginas do volume e apontemos alguns desses *pêchés de jeunesse*.

«Rappelle-toi quand notre main unie,
Je te jurais un éternel amour;
Rappelle-toi que mon âme et ma vie
Seront à toi jusqu'à mon dernier jour.

Les sentiments éternels, que ton âme dé-
[vine,
Ces souvenirs du cœur, comme une voix
[divine,

Diront à tout moment
A ton esprit aimant—
Rappelle-toi.

Rappelle-toi que mon âme ravie,
Va tressaillir de bonheur près de toi ;
Je serai fier d'être à toi pour la vie,
Plus que d'avoir tous les trésors d'un roi.
Souviens-toi quand mes yeux, où tu liras la
[flamme,
Qui pour toi, nuit et jour, brûlera dans mon
[âme,

Iront jusqu'à ton cœur,
Te parler de bonheur :
Rappelle-toi.»

O bardo maranhense, versificando
na lingua de Racine e Vigny, mostra
nessas estrophes a suave e sensual
delicadeza de Alfredo de Musset, que
sabe imitar com singular elegancia.

Nas poesias reunidas no volume, o
dr. Sá Valle ostenta-se amestrado na
metrificação franceza, com todo o
zum-zum dos consoantes, como costumava
dizer o velho Felinto.

O auctor varia de assumpto ; aqui,
sem remorsos, queima as azas do anjo
da poesia nas chammas do amor ; alli,
a musa folgazona escreve uma satyra
na oraison funebre, que começa :

« Incroyable nouvelle ! Horrible coup du
[sort ! »

O trovador maranhense moteja de
certo cardeal, que, *em piedosa orgia*,
comia e bebia á farta e depois pregava
aos fieis devotos :

« Jeunes, ne craignez rien : moi, je mange
[pour vous. »

Entre outras, apontaremos *Un soir
au bord du lac de Genève*, que nos re-
corda a mimosa epopéa de amor e de
ternura, de saudade e de eterno adeus
(nas *Méditations*, de Lamartine) que
termina nessa eternidade de dolorosa
agonia—*ils ont aimé ! . . .*

O dr. Sá Valle sabe traçar com
graça e vívido colorido certas figuras,
e pôr em relevo situações que fixam
as vistas dos que as contemplam, como
se nota nos seguintes traços :

« Adam était assis et la tête penchée,
Le cœur plein d'un silence ému, religieux,
Immobile, regardant Ève de ses yeux,
La contemplait dormir sur ses genoux cou-
[chée.

Ils étaient beaux. L'Eden, d'un souffle har-
[monieux
Caressait leur jeunesse innocente et cachée ;
D'amour pour ses enfants, la nature touchée
Formait leur horizon d'un sourire des
[cieux,

Ô jeunesse ! Ô beauté de l'humanité pure !
Ils s'aiment dans les bras de la nature ! »

O poeta escarnece do proprio genio
e, com viva ironia, diz:

« Je suis poète, on du moins c'est tout comme
Car mes amis m'accordent ce don là ;
Et chacun deux avec orgueil me nomme
Plus grand qu'Homère, Horace et coetera...
.....
.....

Mon œil a lu mille chœres sublimes
Qui, tour à tour, pour enrichir mes rimes
Je mets à sac le monde et l'univers. »

O canto do cysne é um soneto que
justamente merece menção e termina:

« Le poète souffrant lorsqu'il faut qu'il ex-
[pire
S'endort, comme le cygne en un chant qu'il
[souponne,
Et descend au cercueil en se tenant le cœur. »

O conterraneo de Gonçalves Dias
conta, entre os *pêchês de jeunesse*, os
beijos, cujo sabor o deliciou e per-
dura ; elles ainda lhes avivam o lume
da paixão, mal extinto :

« Enfin je t'ai donné ce baiser plein de flam-
[mes.
Ce baiser tendre et pur, brûlant comme mon
[cœur,
Et dans ce doux baiser j'ai vu passer mon
[âme.

En un instant j'ai vu l'ineffable bonheur !
De même que la fleur brillant dans la prairie
Laisse le papillon sur elle se poser,
De même sur la lèvre adorable et chérie
Elle m'a laissé prendre un éniyant baiser...
.....
Tems jaloux ! se peut-il ! Tu m'as fait
[faire un rêve,
Comme pour se jouer de baiser charmant... »

A collecção dos versos do dr. Sá
Valle é toda de poesias que rescendem
os perfumes das flôres, reluzem como
os lumes vivos das estrellas e relem-
bram o momento em que *viu passar
num beijo a alma* e a primeira emoção
do gozo e a illusão da ventura !... Po-
bre alma de poeta, hoje confrangida,
apenas pôde exclamar : *Tems jaloux !*

A ultima inspiração é uma elegia ;
um gemido arrancado das dôres
d'alma, ao separar-se do seu amigo e
poeta, cuja vida se fundia na vida do
auctor pelos sentimentos do coração,
pelos idéas da poesia e das artes.

Nessa elegia, o dr. Sá Valle mistura
as reminiscencias das horas felizes
com as incertezas d'além-tumulo :
num momento, chega a blasphemar
como um desvairado incredulo ; nou-
tro, resigna-se, qual humilde crente.
Aqui, escapa-lhe esta phrase :

« Et cette éternité, qui commence à la mort
N'est qu'un leurre inventé par la faiblesse
[humaine ;
On trouve le Néant quand on arrive au
[port
Le cercueil nous saisit d'une puissante
[étreinte,

Quand il trouve une proie, il l'enlace si bien
Que l'âme succombant comme une flamme
[éteinte,
S'évanouit dans l'air, et qu'il n'en reste
[rien. »

O philosopho cantor parece crer na
existencia futura :

« Ce doute envahisseur, qui saura le cou-
[fondre,
Quel miracle, mon Dieu, viendra nous
[éclairer ?
Et nous, nous voyageurs sur la route de
[l'âge,
Où les uns vont plus vite et d'autres lente-
[ment,

Sommes nous, ô mon Dieu, des oiseaux de
[passage ?
Or bien est-il une heure où notre âme im-
[mortelle.

Arrivant à son tour au delà du tombeau,
.....
.....
Oh ! n'est-ce pas, ami, qu'on survit à la vie ?
Qu'Enfer, ou Paradis, un séjour nous at-
[tend ?

Et que cette amitié, que la mort m'a ravie,
Tu ne l'as point brisée à jamais en partant ? »
.....

Eis ahi, em rapida noticia, em que
consiste o volume de versos, (mas
versos francezes) do dr. Raymundo
Sá Valle.

Não devemos disputar com poetas ;
elles são como as mulheres : teem ca-
prichos ; fazem o que querem ; si não,
lhes perguntariamos porque não expri-
miu as suas inspirações em versos da
lingua portugueza ?

Seria inutil a pergunta ; não fazia
caso della, ou, talvez, me lembraria os
seguintes versos do poeta allemão
Grun, os quaes traduzirei, sem as lou-
çanias da sua bella fórma :

« Quando sereis vós poetas ; quando
vos fatigareis de cantar ? Quando ter-
minareis a eterna canção ?

« Ainda não esvasiastes a cornuco-
pia da abundancia ? Todas as flôres já
não estão colhidas ? Todas as fontes
exauridas ?

« Emquanto o carro do sol rodar
pela estrada azul e que um semblante
humano levantar os olhos para os céos ;
emquanto os céos contiverem procel-
las, relampagos e raios e que fizerem
pulsar de medo os corações dos mor-
taes ; emquanto o bulcão da tempestade
bramir ou brilhar o arco-iris e que
uma idéa de perdão e de paz refulgir
em nossa mente ; emquanto a noite no
ether lançar as sementes de estrellas e
houver um homem par comprehender
o sentido dessas lettras luminosas... »

« A Deusa da poesia percorrerá o
mundo, com o alegre cortejo daquelles
que ella assignalou com o sello do
genio.

« E, cantando e contente, dos es-
combros da habitação terrestre sairá
— o derradeiro homem e que será— o
ultimo poeta.

« Und singend einstud jubelnd
Durchs alte Erdenhaus
Zicht als der letzte Dichter
Der letzte Mensch hinaus. »

O poeta allemão tem razão ; o destino das almas inspiradas é cantar...

Um dos espiritos mais brilhantes e admiraveis da litteratura moderna, tambem escreveu :

«Os poetas são como os passaros, qual-quer ruido os faz cantar.»

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Dromel, *Lois de Evolutions*, assignala o advento de cada geração de 20 em 20 annos

PAGINAS ESQUECIDAS

AVE! MARIA!

A noite desce, lentas e tristes
Cobrem as sombras a serraania.
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os genios : — Ave ! Maria !

Na torre estreita do pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres, Vesper desponta,
Cantam os anjos : — Ave ! Maria !

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vózes : — Ave ! Maria !

E, longe, longe, na velha estrada,
Pára e saudades á patria envia
Romeiro exaustado que o céo contempla,
E fala aos ermos : — Ave ! Maria !

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho : — Ave ! Maria !

Nas soledades, sem pão nem agua,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama : — Ave ! Maria !

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mezas de longa orgia,
Não diz o impio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato : — Ave ! Maria !

Ave ! Maria ! — No céo, na terra !
Luz da alliança ! Doce harmonia !
Hora divina ! Sublime estancia !
Bemdicta sejas ! Ave ! Maria !

FAGUNDES VARELLA.

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL

Ha em Portugal quatro partidos : o partido *historico*, o *regenerador*, o *reformista* e o *constituente*. Ha ainda outros, mas anonymos, conhecidos apenas d'algumas familias. Os quatro partidos officiaes, com jornal e porta para a rua, vivem num perpetuo antagonismo, irreconciliaveis, latindo ar-

dentemente uns contra os outros de dentro dos seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossivel ! elles só possúem de commum a lama do Chiado que todos pizam e a Arcada que a todos cobre. Quaes são as irritadas divergencias de principios que os separam ? — Vejamos :

O partido *regenerador* é constitucional, monarchico, intimamente monarchico, e lembra nos seus jornaes a necessidade da economia.

O partido *historico* é constitucional, immensamente monarchico, e prova irrefutavelmente a urgencia da economia.

O partido *constituente* é constitucional, monarchico, e dá subida attenção á economia.

O partido *reformista* é monarchico, é constitucional, e doidinho pela economia !

Todos quatro são catholicos,
Todos quatro são centralisadores,
Todos quatro teem o mesmo affecto á ordem,

Todos quatro querem o progresso, e citam a Belgica,

Todos quatro estimam a liberdade. Quaes são então as desintelligencias ! — Profundas ! Assim, por exemplo, a idéa de liberdade entendem-a de diversos modos.

O partido *historico* diz gravemente que é necessario respeitar as *Liberdades Publicas*. O partido *regenerador* nega, nega numa divergencia resoluta, provando com abundancia de argumentos que o que se deve respeitar são — as *Publicas Liberdades*.

A conflagração é manifesta !

*

Na acção governamental as dissensões são perpetuas. Assim o partido *historico* propõe um imposto. Porque, não ha remedio, é necessario pagar a religião, o exercito, a centralisação, a lista civil, a diplomacia... — Propõe um imposto.

«Caminhamos para a ruina ! — exclama o presidente do conselho. O *deficit* cresce ! O paiz está pobre ! A unica maneira de nos salvarmos é o imposto que temos a honra, etc...»

Mas então o partido *regenerador*, que está na opposição, brame de desespero, reúne o seu centro. As faces luzem de suór, os cabellos pintados

destingem-se d'agonia, e cada um alarga o collarinho na attitude dum homem que vê desmoronar-se a patria!

— Como assim ! exclamam todos, mais impostos ! ?

E então contra o imposto escrevem-se artigos, elaboram-se discursos, tramam-se votações ! Por toda a Lisboa rodam carruagens de aluguel, levando, a 300 reis por corrida, inimigos do imposto ! Prepara-se o *cheque* ao ministerio historico... Zás ! cáe o ministerio historico !

E ao outro dia, o partido *regenerador*, no poder, triumphante, occupa as cadeiras de S. Bento. Esta mudança alterou tudo : os fundos desceram mais, as transacções diminuíram mais, a opinião descreu mais, a moralidade publica abateu mais—mas finalmente caíu aquelle ministerio desorganizador que concebera o imposto, e está tudo confiado, esperando.

Abre a sessão parlamentar. O novo ministerio regenerador váe falar.

Os senhores tachygraphos aparam as suas pennas velózes. O telegrapho está vibrante de impaciencia, para communicar aos governadores civis e aos coroneis a regeneração da patria. Os senhores correios de secretaria teem os seus corceis sellados !

Porque emfim o ministerio regenerador váe dizer o seu programma, e todo o mundo se assôa com alegria e esperanza !

— Tem a palavra o sr. presidente do conselho.

— O novo presidente : «Um ministerio nefasto (*apoiado, apoiado !* — exclama a maioria historica da vespera) caíu perante a reprovação do paiz inteiro. Porque, sr. presidente, o paiz está desorganizado, é necessario restaurar o credito. E a unica maneira de nos salvarmos...»

Murmurios. Vózes: *Ouçam! Ouçam!* «... E' por isso que eu peço que entre já em discussão.. (attenção ávida que faz palpitar debaixo dos fraques o coração da maioria...) que entre já em discussão — o imposto que temos a honra, etc. (*apoiado ! apoiado !*)»

E nessa noite reúne-se o centro historico, hontem no ministerio, hoje na opposição. Todos estão lugubres.

— «Meus senhores, diz o presidente, com vóz cava.—O paiz está perdido !

O ministerio regenerador ainda hien-tem subiu ao poder, e doze horas depois já entra pelo caminho da anarchia e da oppressão propondo um imposto! Empreguemos todas as nossas forças em poupar o paiz a esta última desgraça! — Guerra ao imposto!...»

Não, não! com divergencias tão profundas é impossivel a conciliação dos partidos!

(1871.)

EÇA DE QUEIROZ.

A LIVRARIA

«LIVRO DAS DAMAS E DONZELLAS». — POR D. JULIA LOPES DE ALMEIDA. — LIVRARIA ALVES.

As qualidades de que a bem distincta e muito conhecida escriptora dá prova neste livro são no fundo quasi que inteiramente as de um auctor objectivista, — de quem tivesse de fazer uma comedia, um romance ou uma série de contos. O ideal da sra. d. Julia Lopes neste livro foi ser sufficientemente habil escriptora para dar ás donas e donzellas que a lessem a impressão de que estas paginas não provinham de um profissional em fazer livros, orgulhoso de seu talento, mas sim de uma senhora como ellas, sem pretensão a differenças, quanto mais a superioridades em coisa alguma.

A obra dá-nos a impressão de que acompanhámos uma série de scenas de familia num lar sympathico e digno.

A casa é bem localisada, — está-se vendo —, e eis ahi o seu primeiro encanto. Branqueja talvez na falda de uma das nossas mais bellas montanhas cariocas, a qual além disso offerece a vantagem de um ponto de vista soberbamente feliz.

Não se trata de uma moradia de ricos; em todo caso, pôde-se ver o interior della. Não ha accio sómente aqui, já ha conforto, e até mesmo um poucachito de luxo, que não quer dizer grandezas nem pretensões a ellas, mas uma mediania já bem accetavel, e a modesta, não obstante real, felicidade que lhe pôde ser correspondente.

A sala de visitas, a de jantar e o jardim ficam sendo muito nossos conhecidos. Não é que a auctora nos conte siquer onde reside, quanto mais que nos descreva sua casa directa ou indirectamente, em determinada pagina ou mesmo fragmentariamente, neste livro. Os dados que a tal respeito colhemos nos vem simplesmente por indicação, dos objectos que a escriptora toma por thema, das opiniões

que ella emitta a proposito desses objectos, das cartas que redige em nome de outras, das predilecções que tacita ou explicitamente confessa por isto ou por aquillo.

Quando já em meio do livro, não ha quem não veja com que elegante despretensão, a qual não contradiz, antes faz suppôr certo tacto artistico, está arranjado este salão, que bonitas paizagens e marinhas que elle tem, ainda mais com a qualidade de serem todas trabalhos nacionaes, excepto aquelle forte Boddallo e aquelle Alberto Pinto tão interessante. São bem bons os poucos bronzes que aqui se encontram, uns em dignas columnas, correspondentes ao seu vulto e valor, outros, pequenitates, descansando sobre os *porte-bibelots*, que por signal não se acham excessivamente sobrecarregados, livres como se vêm das bugangas com que tanta gente por ahi, julgando alindal-os, os torna ridiculos.

Seria imperdoavel que não houvesse musica neste salão, pelo menos uma vez ou duas na semana, porque este leve perfume que paira na sua atmosphera e o encanto da agrupação artistica de que falámos ficariam como que desirmanados sem este outro elemento que em geral por toda parte os acompanha.

Mas o piano e a estante cheia que ahi estão, tão visiveis, tiram-nos qualquer duvida a esse respeito. Alguem que passou os olhos rapidamente pelo que ha na estante, retave algumas palavras das que leu: *Saldunes*, *Schiavo*, *Requiem*, (e por cima desta ultima o nome de José Mauricio,) — musicas que não hão deter o merito transcendental das de um Wagner, de um Bach, mas que são lindas, e que também, como quasi todas as pinturas, são nossas.

Na sala de jantar, além de umas valiosas naturezas-mortas e duas singulares paizagens a sépia, é de ver o conjunto do decente e bem cuidado mobiliario, a jarra artistica transbordando de flôres no centro da meza, os vasos que enfeitam o *etagère*, e a ordem de bom gosto em que tudo se acha. Mas além disso repare-se naquelle curioso *chemin-de-table*, feito exquisitamente de arame, bordado, em alto relevo, de rodautes, orchidéas sulferinas, *crysanthemos* e margaridas, flôres estas todas naturaes. Repare-se nelle e mais naquelles outros trabalhos, uns de agulha, como o da almofada corrediça da cadeira de balanço, e o daquelles paninhos de meza que alli estão agora por acaso, outros mais complexos, como o distincto porta-jornaes que temos em frente, todos, porém, caracteristicamente femininos, indicadores de que anima este lar uma alma intelligente e vivaz.

Si sairmos ao jardim, váe-se nos de-

parar um lindo e delicioso refugio, indispensavel nestes climas dos tropicos, mas cuja vegetação distincta, civilisada, seria um traço revelador de quem soube andal-a combinando e se desvela por conserval-a, si no interior da casa não tivessemos encontrado tantas indicações, de uma eloquencia pelo menos equivalente.

Conhecida a habitação e quem mora nella, não é muito difficil adivinhar quem a frequenta, tanto mais que o livro nos dá conta das conversações preferidas.

Excepto alguns homens amigos da familia, na maior parte são damas, donzellas e creanças, gente da nossa bôa sociedade, que ahi havemos de encontrar, falando com a dona da casa sobre varios e ás vezes bem interessantes assumptos. Dá-se que esta senhora costuma ler mais do que a maior parte das outras aqui, e que ella viajou um tanto: foi até onde são as ruínas de Pompeia, demorou-se em Portugal. Juntando a isso uma natural intelligencia e bastante imaginação, sem querer ás vezes fala mais do que as outras, que teem muito prazer em escutal-a.

Em todo caso, sendo gente de bôa sociedade a que alli váe, não são os aristocratas, do ponto de vista de titulos e dinheiro, e que fazem estação na Europa quasi todos os annos, exilando-se em Petropolis quando voltam, para falar saudosamente da civilisação com outros que os entendam. Esta é gente mais modesta um tanto, mais brasileira em seus gostos e de uma vida não assim tão pouco trabalhosa. A's vezes, apenas menos ignorantes e mesmo de outro alcance de idéas do que um cosmopolita ou *globe-trotter* intediado e vasio.

Eu pelo menos como que tive a illusão de estar vendo todas essas coisas com a simples leitura deste livro leve, intelligente e casto, o que quer dizer que, na minha opinião, a auctora conseguiu os fins que tinha em vista ao fazel-o.

Não perde nada, antes geralmente lucrará alguma coisa a moça ou a senhora que procure e leia estas paginas, para ellas especialmente compostas.

Noto apenas: com o cuidado visivel que põe a sra. d. Julia Lopes em escrever correctamente, acontece um pouco ao seu estylo o que se dá com a calligraphia das senhoras em geral, das professoras antes de tudo, que para não saírem dos preceitos tornam sua lettra mais ou menos incaracteristica.

Não tem muito modo brasileiro no escrever, a nossa notavel auctora; si se nota qualquer peculiaridade na construcção dos seus periodos, essa parece antes mais de feição lusitana.

« O TALISMAN, OU RICARDO NA PALESTINA ». — POR WALTER SCOTT.—VERSÃO PORTUGUEZA, H. GARNIER, EDITOR. — 1906.

Raramente se pôde encontrar hoje em dia uma traducção tão bem feita como a deste livro que a casa Garnier acaba de editar. Não tenho presente o original em inglez. Mas o trabalho revela tal escrupulo, no que respeita á fórma, por parte do traductor, que não acredito fôsse elle capaz de infidelidades de outra ordem, como supressão de paginas ou coisas destas, tão communs pelo menos entre os traductores francezes.

Sobre ser escrupuloso, quem quer que tenha vertido o *Talisman*, revela-se um forte conhecedor da nossa lingua e amigo de um estylo á Alexandre Herculano, em que pompeia sóbria e dignamente a riqueza e a formosura do idioma com material de lei.

Esta traducção não parece obra da éra que corre. Hoje, ellas se fazem sobre a perna ordinariamente, para não levarem mais tempo do que o que pôde valer o preço por que são pagas.

Junta-se á qualidade desta traducção a da obra em si, um dos mais bellos romances, embóra não assim famosos, que tenha escripto Walter Scott. Lendo-se as paginas do *Talisman*, comprehende-se perfeitamente a razão da enorme vóga de que gozou o grande escriptor inglez em seu tempo. Ainda hoje ellas são empolgantes. Não fôsse a força das modas, que se exerce sobre todos nós, mais ou menos, e estes livros estavam habilitados a figurar ainda com honra ao lado dos *Quo Vadis?* actuaes.

NUNES VIDAL.

O ASSUMPTO do seguinte artigo, do engenheiro Arthur de Lima Campos, prende-se ao estylo romano na epocha do seu apogeu, coincidindo com a phase do catholicismo em que o predomínio da Virgem sobre o Christo muito prejudicou as doutrinas de Lutero e Calvino, base do protestantismo.

Devido ao esplendor do estylo romano nos tempos catholicos, justamente na phase que corresponde ao ascendente da Virgem, o illustrado auctor demora-se no desenvolvimento desse culto naquella citada phase referente aos seculos XI, XII e XIII.

As bellezas do estylo romano baseado na linha curva, teem representação condigna,

entre nós, no edificio do *Paiz* e no palacio de Exposição Permanente, além de outros, menos importantes.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

ESTYLO ROMANO

«Si não quereis viver submergidos nos tormentos da tentação, não afasteis os olhos da estrada de salvação — a Virgem Maria.»

S. BERNARDO.

«Si quereis elevar-vos ao puro altruismo, á paz completa da alma, fixae vosso olhar na — utopia da Virgem Mãe.»

AUGUSTO COMTE.

O catholicismo encontra no estylo romano a maior messe de riquezas ornamentaes, deslumbradora imponencia e arrojada concepção architectonica; quer no exterior dessas capellas e templos, modestos uns, soberbos e grandiosos outros; quer nas construcções interiores das naves e sanctuarios, ricas e opulentas nos detalhes das ornamentações, severas e modestas no conjuncto, admiraveis de arte e belleza, mixto de respeito e admiração, esplendor e mysticismo, provocando a um tempo alegres expansões de jubilo e contricções ferventes de respeito.

E o motivo apparatuso e severo desses monumentos imponentes pela magestade das proporções, destacados do conjuncto pela elevação das torres, cupulas, e zimbórios; bazeia-se nas concepções opulentas do estylo romano, campo vasto e folgado para as mais bellas expansões religiosas.

O catholicismo, religião fundada por S. Paulo (que attribuiu a Jesus, na visão de Damasco, todas as brilhantes concepções philosophicas de seu esclarecido cerebro) tornou-se decadente no começo do seculo X, para novamente surgir prestigiado, occupando a vanguarda da supremacia theologica, em principios do seculo XI.

Na primeira phase dos seculos V, VI e VII o catholicismo inicion seu predomínio, sob o conjuncto dos conflictos espirituales e temporaes.

Nos seculos VIII, IX e X, a elaboração do catholicismo desenvolveu-se no culto dos santos.

Na terceira phase, que comprehende os seculos XI, XII e XIII, surgiu e predominou cada vez mais o ascendente da *Virgem* representando, melhor que *Deas*, o unico objecto final dos votos occidentaes — a *Humanidade* — e com elle a victoria do catholicismo sobre todo o theologismo; sendo que no final do seculo XIII, «S. Francisco de Assis tentou em vão a unica refôrma que o catholicismo comportava, sub-

stituindo um clero necessariamente pobre ao sacerdocio deploravelmente enriquecido» (1).

Nesta terceira phase de verdadeiro apogeu, o catholicismo encontrou em todas as manifestações artisticas do estylo romano, desde a pintura até á architectura, os mais fortes sustentáculos do engrandecimento do culto da virgem.

«Todavia, é sobretudo a partir do seculo XII que a devoção dos povos a Maria brilhou com o mais vivo esplendor. Ella foi despertada então por S. Bernardo, homem extraordinario, de accents cheios de mysterios e de amor, que dominou a Italla, a Allemanha e mesmo a Europa inteira, pelo ascendente de suas virtudes, a potencia do seu espirito e a auctoridade dos seus milagres. Depois d'elle, os testemunhos de piedade para com a Santa Virgem se multiplicaram a tal ponto, que seria impossivel apresentar aqui sequer uma rapida analyse» (2).

Desde então, por todo o orbe catholico o predomínio de Maria accentuou-se progressivamente, nas predicas, orações e festas.

Segundo Gergerés, as *Festas dedicadas á Santissima Virgem*, entre outras, são as seguintes:

Festa da Purificação a 2 de fevereiro, confundindo-se esta festa com a da *Apresentação de Jesus no Templo*, sob a denominação vulgar de *Candelaria*.

Não se conhece de maneira precisa a epocha de sua instituição; entretanto, estima-se geralmente que *pelo anno 496*, o papa S. Gelasio ordenára a sua celebração para fazer cessar a superstição pagã conhecida pela denominação de *Lupercaes*, festas que se realizavam nos primeiros dias de fevereiro. Como havia tambem entre os pagãos, na mesma epocha, procissões chamadas *Amburbales*, nas quaes os romanos levavam tochas para se regosijarem pelo successo de suas armas, Benedicto XIV pensou e escreveu que, si o papa S. Gelasio tinha abolido as *Lupercaes*, como anti-catholicas, pela mesma razão, Sergio substituiria ás *Amburbales* a procissão que mais tarde foi designada pelo nome de *Candelaria*.

A Purificação, porém, de accordo com varias versões historicas, é, entre todas as festas instituidas em honra da Santa Virgem, a primordial e com data fixa — 2 de fevereiro — segundo indicação do papa Virgilio, no anno de 542.

Após prolongada interrupção, esta festa foi restabelecida por occasião de um voto á Mãe de Deus, afim de fazer cessar o flagello da peste. A Igreja escolheu esse dia para *benzer as velas*.

Em Roma, o papa preside em pessoa a essa cerimonia e distribúe aos car-

deaes e aos padres, de uma ordem inferior, velas, que são levadas em procissão solemne, na grande sala do palacio apostolico.

Além da adaptação ao catholicismo de uma festa de origem evidentemente polytheista, esta celebração está ligada, como se vê, antes ao culto do Redemptor do que ao de Maria. Ella é aliás do seculo V (496), e a data de sua celebração foi fixada, como disse-mos anteriormente, em meados do seculo VI (542). A consequente interrupção da solemnidade durante alguns annos, demonstra a inepciencia do culto da Virgem Mãe naquella epocha.

Festa da Anunciação — a 25 de março, que corresponde entre os romanos a 8 das kalendas de abril; sendo outr'ora a celebração em algumas egrejas a 18 de dezembro, por motivo da reunião com as festas da *Encarnação e da Espectativa do parto da Santa Virgem*.

«A terceira festa em abril de origem pagã, commemora as *sete dôres de Nossa Senhora*.

A quarta é de character mixto, envolve toda a «santa familia» e mais o seu burrinho. E' a da *fugida para o Egypto* e realiza-se a 23 de abril.

A lenda christã diz que Herodes, sabedor pelos magos, que tinham vindo adorar o Messias, de que tinha nascido um menino que havia de vir ser *rei dos judeus*, receioso de que este lhe usurpasse a corôa, ordenára a matança de todos os meninos menores de dois annos, afim de nessa chacina envolver o temido pequeno. Os paes de Jesus, avisados por um anjo, terãõ fugido para o Egypto, o que terá feito completamente inutil a furia sanguinaria de Herodes» (3).

«A 25 de junho a egreja catholica festeja *Pureza de Nossa Senhora*, e a 2 de julho celebra a festa de *Visitação*, em commemoração da visita de Maria a Santa Izabel, mãe de S. João Baptista.

S. Boaventura, *geral dos Minimos*, foi o primeiro que, em um capitulo reunido em Piza no anno de 1243, ordenou a celebração dessa festa pela Ordem inteira. O papa Urbano VI a estendeu a toda a christandade em 1329. Nessa epocha, havia na egreja romana dilaceramentos occasionados pelo scisma do occidente. Urbano VI tinha a sua Sé em Roma e Clemente VIII estabeleceu a sua em Avinhão. O primeiro desses papas instituiu a festa da *Visitação* para obter a paz da Egreja; e, em 1441, o concilio de Baziléa fixou definitivamente a 2 de julho a celebração dessa solemnidade.

A 15 de agosto, o catholicismo festeja a *Assumpção de Maria*; é a mais solemne das festas celebradas em honra da Santa Virgem. Iniciada no seculo VI sob o imperador Mauricio,

foi mais tarde mencionada por Carlos Magno nas suas capitulares, e seu filho Luiz — o Piedoso, recommendou a celebração aos padres do concilio de Aix-la-Chapelle.

Festa da Natividade, a 8 de setembro. Esta festa originaria do VI seculo, é a primeira em que a commemoração da Virgem se torna directa e a do Redemptor indirecta» (4).

Festa do Santissimo Nome de Maria, a 10 de setembro. A Egreja festeja a Virgem sob a invocação do nome de origem, durante todo o mez de maio, com canticos e predicas exclusivas á sua entidade; além disso, porém, consagra um dia especial para honrar e venerar seu santo nome — a data escolhida foi a de 10 de setembro.

«*Festa da Apresentação*, a 21 de novembro, refere-se á apresentação de Maria no Templo, por seus paes.

Essa festa foi na primitiva celebrada no Oriente pelo IX seculo.

Cerca de quinhentos annos mais tarde, um francez, Felipe de Maisière, embaixador de Chypre junto á Santa Sé, interessou por tal fórma Gregorio IX pela narrativa das solemnidades que se realizavam na Grecia para a *Apresentação*, que esse papa ordenou a celebração dessa festa em Avinhão, onde elle se acbiava. Finalmente, no seculo XVI, uma Bulla de Xisto V a tornou obrigatoria em toda a egreja romana, na qual ella era na verdade já conhecida, mas sómente como festa de devoção» (5).

Na primeira série das festas da Santa Virgem, vem pôr fim a que assignala o desvio desse culto e que foi combatido, desde sua manifestação, por S. Bernardo; referimo-nos á festa da *Immaculada Conceição*.

Essa festa, que fere de frente os dogmas e indirectamente todo o culto externo e o regimen do catholicismo, não tem a origem conhecida de uma maneira positiva.

A celebração dessa festividade data do IV seculo, porquanto S. Gregorio de Nazianzeno, que viveu nessa epocha, diz que assistiu a essas cerimoniaes nas egrejas gregas e muitas outras do Oriente.

Até fins do VIII seculo, raras são as informações historicas relativas a essa solemnidade, quasi esquecida durante tão longo interregno; sómente no IX seculo, Jorge de Nicomedia a ella se refere em uma de suas homilias.

As celebrações no Occidente, segundo Santo Ildfonso, arcebispo de Toledo, partiram de Hespanha, passando em seguida para a França e Portugal.

Acredita-se, porém, que, *pelos fins do XI seculo*, esta festa fôsse, sinão instituida, pelo menos, tornada mais solemne na Inglaterra, por Santo Au-

selmo, acompanhando de perto as pegadas dos que a tinham celebrado antes de si.

«O dogma do peccado original proporcionava uma explicação para o conjuncto dos soffrimentos humanos e ao mesmo tempo suggeria a necessidade de um redemptor, não só para o povo hebreu, porém para toda a especie humana. Para conceber o problema com essa vastidão, influiu a identificação de S. Paulo com a sociabilidade romana, graças ao seu immenso altruismo, que o emancipava dos preconceitos judaicos. Desde então, partindo de que a offensa feita a Deus pelo primeiro homem sendo infinita, exigia uma satisfação infinita, elle era levado a concluir que só o proprio Deus estava nos casos de satisfazer a si mesmo. Entretanto, a justiça exigia que a falta commettida pelo homem fôsse também expiada pelo homem. A saída dessa situação contradictoria foi achada pela misericordia divina, mediante a *encarnação* do proprio Deus, que, tornado homem, soffreria como homem, ao passo que seu character de Deus daria ao sacrificio um alcance infinito.

Vê-se, assim, que o dogma da *encarnação* exigia como preambulo o do peccado original e o da *redempção*» (6).

E esse culto da *Immaculada Conceição* annullou de uma só vez os tres dogmas do catholicismo: o do peccado original, o da *encarnação* e o da *redempção*; porque, como já vimos, este ultimo é directamente dependente dos dois outros.

S. Bernardo demonstrou brilhantemente em carta dirigida aos conegos da Egreja de Lyon, e que mais adante transcrevemos, o absurdo desse culto e os perigos d'elle resultantes para a estabilidade do catholicismo.

«A festa da *Immaculada Conceição*, introduzida em França nos meados do seculo XII, por um decreto dos conegos da Egreja primaz de Lyon, foi em seguida propagada pela Italia, Hespanha e Allemanha e tornou-se universal pela Bulla do papa Xisto IV em 1746. O seu estabelecimento foi firmado ou confirmado pelos papas S. Pio V, Gregorio XIII, Urbano VIII, Paulo V, Gregorio XII, Alexandre VII e outros... Emfim, por Carta Apostolica do papa Pio IX, em 1854, foi definido como dogma de fé a *Immaculada Conceição* da Santissima Mãe de Deus» (7).

Até o seculo XII, o culto desenvolveu-se tranquillamente; a partir, porém, deste seculo a festa da *Immaculada Conceição* começou a encontrar resistencia seria dentro mesmo da egreja romana.

Quem primeiro rompeu em opposição foi S. Bernardo, reconhecido em

todo o orbe catholico como um dos maiores talentos e mais dedicados servos da Igreja, apologista extremo do culto de Maria.

A carta datada de 1140, dirigida aos conegos da Sé de Lyon, é a seguinte :

«1º, E' certo que, entre as igrejas de França, a de Lyon tem occupado até aqui o primeiro rango, quer pela dignidade da sua Sé, quer pela pureza dos seus sentimentos, quer pelo merito das suas instituições. Onde jámais brilharam tanto como nella, a severidade da disciplina, a severidade dos costumes, a prudencia dos conselhos, o pezo da auctoridade, o respeito da antiguidade? E' sobretudo, nas solemnidades ecclesiasticas, que nunca se viu essa igreja cheia de jnizo acceder facilmente a novidades repentinamente introduzidas, nem se deixar deshonrar por uma levandade pueril. Eis porque ficamos muitissimo surprehendidos que nos ultimos tempos, alguns dentre vós tenham julgado a proposito querer embaciar o vosso brilhante esplendor, introduzindo uma festa nova, que a lithurgia da Igreja não conhece, que a razão não approva, que a antiga tradição não recommenda. Somos nós mais sabios do que os nossos paes, ou mais religiosos do que elles? Ha perigo para nós em abordar aquillo que nessas materias a prudencia delles deixou de lado. Porque esse ponto é de tal natureza que, si não devesse ter sido afastado, não teria podido escapar á attenção delles.

2º. Mas é preciso, dizei vós, grandemente honrar a Mãe do Senhor. A vossa opinião é sabia, mas a gloria dessa Rainha é amiga da justiça. A Virgem real, cumulada de titulos de honra verdadeiros e revestida de esplendidas dignidades, não precisa de uma falsa gloria. Honrae a pureza de seu corpo, a santidade da sua vida, admirae a sua virgindade fecunda, venerae a sua maternidade divina. Exultae-a por não haver conhecido a concupiscencia na concepção, nem a dôr no parto. Publicae que ella tem direito ao respeito dos anjos, que ella foi desejada das nações, presentida pelos patriarchas e pelos prophetas, escolhida entre todos, preferida a todos. Glorificae-a com a fonte da graça, como medianeira da salvação, como reparadora dos seculos. Exaltae enfim aquella que foi exaltada acima dos coros dos anjos nos reinos celestes. Eis ahí o que a Igreja canta em sua honra, e o que ella me ensina a cantar. Quanto a mim, conservo com segurança e transmitto o que recebi dessa fonte; mas o que não recebi della, terei, confesso, mais escrupulos em admittir.

«3º. Aprendi, pois, da Igreja que é preciso celebrar, com a maior venera-

ção, o dia em que a Virgem, retirada deste seculo máu, transportou aos céos as alegrias de uma festa solemne. (8) Aprendi ainda na Igreja e da Igreja a reconhecer sem hesitar, como solemne e santo, o nascimento da Virgem, creio firmemente com a Igreja que ella recebeu no seio de sua Mãe a graça de nascer santa. Li, com effeito, de Jeremias que ella foi santificada antes de nascer; tenho o mesmo pensamento sobre S. João Baptista que, do seio de sua Mãe sentiu o Senhor no seio delle. (9) Vêde vós mesmos si é permittido outro tanto do santo David, em razão do que elle dizia a Deus: *Eu me apoiei em vós antes do meu nascimento, e vós sois o meu protector desde o seio de minha mãe* (10); e ainda: *Vós sois meu Deus desde o seio de minha Mãe, não vos affasteis de mim* (11) E do mesmo modo foi dito a Jeremias: *Antes que eu te formasse no seio de tua Mãe, te conheci; eu te santifiquei antes que tu tivesses saído delle.* (12) Como o oraculo divino distingue bem a formação no seio materno do parto! Elle mostra assim que a formação foi sómente prevista, mas que o parto foi ornado de dom de santidade, afim de que não imaginassem que se deviam limitar os privilegios do propheta a só predestinação ou á presciencia.

4º. Concedamos, entretanto, que assim seja para Jeremias. O que responderão para João Baptista, a respeito de quem, um anjo annunciou de antemão que o Espirito-Santo o encheria, quando elle estivesse ainda no seio da sua Mãe? Eu não penso que se possa referir esse dito á predestinação ou á presciencia. Porque as palavras do anjo fôram sem duvida cumpridas no momento mesmo que elle tinha predito, e não é permittido crer que aquelle que tinha sido annunciado como devendo ser cheio do Espirito-Santo, não o tenha sido no tempo e no logar fixados pela prophesia. Ora, o Espirito Santo certissimamente santificou aquelle que elle encheu. De resto, eu não teria a temeridade de indicar até que ponto essa predestinação pôde prevalecer contra o peccado original, quer no Precursor, quer no Propheta, quer em qualquer outro, si ha outros que tenham sido prevenidos pela mesma graça. Entretanto, eu não hesitaria em dizer que aquelles que Deus santificou são santificados, que saíram do seio materno com a santidade que ahí receberam; o peccado que elles tiraram da sua concepção não pôde de modo algum impedir nem roubar de antemão a benção que estava ligada ao nascimento delles. Quem poderia dizer, com effeito, que aquelle que foi cheio do Espirito Santo permaneceu, não obstante, um filho de colera e que, si lhe tivesse acontecido morrer no seio materno com tal

plenitude de graça, teria incorrido nas penas da condemnação? Isso seria duro. Entretanto, eu não ouzo decidir nada sobre tal segundo o meu sentimento. Mas, seja como fôr, a Igreja que julga e proclama preciosa a morte e não o nascimento dos outros santos, por uma concepção unica, celebra com razão por alegres festas e venera o nascimento só daquelle de quem o anjo annunciou, como se lê na Escripura *que muitos se regozijariam no seu nascimento.* (13)

Porque, com effeito, o nascimento daquelle que pôde saltar desde o seio de sua Mãe não seria santo e festejado com alegria?

5º. Não é, por certo, permittido duvidar que aquillo que foi concedido, mesmo a um pequeno numero de mortaes, tenha sido recuzada a uma tão grande Virgem, por quem toda carne mortal se elevou á vida. A Mãe do Senhor, tambem ella, foi santa sem duvida alguma antes de nascer, e a Santa Igreja não se engana quando considera como santo o dia do sua Natividade, e acolhe cada anno a volta de tal facto com uma festa solemne e uma alegria universal. Quanto a mim, penso que uma medida mesmo mais abundante de santificação desceu sobre ella e, não sómente santificou o seu nascimento, mais ainda preservou a sua vida pura de todo peccado; o que se crê não ter sido jámais concedido a nenhum outro filho da mulher. Convinha, com effeito, que a Rainha das Virgens, pela santidade singular, passasse toda a sua vida sem nenhum peccado, pois que, pondo no mundo o destruidor do peccado e da morte, obtinha para todos os homens o dom da vida e da justiça. O seu nascimento foi, pois, santo, porque foi santificado pela santidade infinita que devia saír do seu seio.

6º. Que pensamos que seja ainda preciso ajuntar a essas honras? E' preciso honrar tambem, diz-se, a concepção que precedeu a esse nascimento glorioso; porque, si aquella não tivesse precedido a estes não se teria de honrar o proprio nascimento. Mas que se responderá, si um outro, pela mesma razão, sustentar que é preciso render as mesmas honras solemnes a cada um de seus Paes? Poder-se-ia ainda reclamar-as por motivos semelhantes para os seus Avós e os seus Bisavós; ir-se-ia assim ao infinito e as festas seriam sem numero. Essa abundancia de alegrias é boa para a Patria, não para o exilio, e essa multiplicidade de festas convém a cidadãos, não a banidos. Mas apresenta-se um escripto, (14) que é, diz-se, de revelação superior, como si cada um não pudesse apresentar um escripto semelhante, onde a Virgem parecia ordenar a mesma coisa para os seus Paes,

segundo o preceito do Senhor que diz: *Honra a vossa Pae e a vossa Mãe.* (15) Quanto a mim, não me deixo facilmente commover nem persuadir por escriptos taes, que a razão não parece approvar, e que nenhuma auctoridade certa confirma. Como concluir que a concepção deve ser considerada como santa, do facto de haver precedido o nascimento que foi santo? E' porque, precedendo-o, ella o santificou? Precedendo-o, ella acarretou a sua existencia, não a sua santidade; porque donde lhe teria vindo a ella mesma a santidade que devia transmittir após si? Não é antes porque a concepção começou sem a santidade, que se tornou preciso santificar a creança concebida, afim de que esta fôsse santa ao nascer? Mas talvez a concepção tivesse tomado a sua santidade ao facto que devia seguir-se-lhe? Sem duvida, a santificação que se verificou logo após a concepção, podia passar ao nascimento que era posterior; mas ella não podia de modo algum remontar á concepção que a havia precedido.

7º. Donde viria, pois, a santidade da concepção? Dir-se-á que a Virgem foi preveuida pela santificação afim de que fôsse concebida, sendo já santa; da mesma maneira que se diz que ella foi santificada no seio materno, afim de que o seu nascimento fôsse santo! Mas a Virgem não podia ter sido santa antes de existir; ora, ella não existia antes de ser concebida. E porque acaso a santidade se teria mesclado á concepção mesmo no meio das caricias conjugaes, de modo que a santificação e a concepção se dessem ao mesmo tempo! Mas a razão não admite isso. Como, com effeito, a santidade teria sido possível sem o Espirito Santo que santifica? Ou, como o Espirito Santo se achou mesclado ao peccado? Ou, emfim, como o peccado não se acharia onde não faltou a concupiscencia? Dir-se-á por acaso que ella foi concebida do Espirito Santo, e não de um homem; mas ainda não se ouviu dizer nada de semelhante. Leio, com effeito, que o Espirito-Santo veio a ella, e não que tenha vindo com ella, segundo a palavra do Anjo: *O Espirito Santo virá sobre vós* (16). Si é permitido dizer o que penso á Igreja, que pensa sempre a verdade, eu digo que a Virgem tem a gloria de ter concebido do Espirito-Santo, mas que ella não foi concebida d'elle. Ella pariu virgens, ella não foi parida por uma virgem.

De outro modo, onde estaria essa prerogativa da Mãe do Senhor, em virtude da qual se crê poder glorificar só a ella de ter sido Mãe e ter permanecido virgem, si concedeis o mesmo privilegio á sua mãe? Isso não é honrar a Virgem, mas é minorar a sua

gloria. Si, pois, ella não pôde de modo nenhum ser santificada antes da sua concepção, porque não existia ainda, nem durante a sua concepção mesma, por causa do peccado que a isso estava ligado, resta crer que ella foi santificada depois de haver sido concebida, quando já estava no seio de sua Mãe, e que essa santificação, banindo o peccado, santificou o seu nascimento, mas não a sua concepção.

8º. Eis porque, comquanto tenha sido concedido a um numero, aliás pequenino, de filhos dos homens nascerem santificados, não lhes foi, todavia, dado serem concebidos da mesma fôrma, afim sem duvida de que a prerogativa de uma santa concepção fôsse reservada só A'quelle que devia santificar todos os outros, e que só vindo a este mundo fóra do peccado, devia purificar os peccadores. Assim o Senhor Jesus foi o unico concebido do Espirito Santo, porque só elle foi santo, mesmo antes da concepção. Excepto elle, todos os filhos de Adão podem-se applicar estas palavras, que um delles confessa de si mesmo com humildade e verdade, dizendo: *Fui gerado na iniquidade e minha mãe me concebeu no peccado.* (17)

9º. Pois que as coisas são assim, que razão ha, pois, para festejar a concepção? Que meio, digo, ha ou de sustentar que essa concepção é santa, quando não vem do Espirito Santo, para não dizer que ella deriva do peccado, ou de celebrar-lhe a festa, quando ella nada tem de santa?

A Virgem gloriosa dispensa de bom grado essa honra, que parece ou honrar o peccado ou revesti-la de uma santidade mentirosa. Nada poderá agradar-lhe nessa novidade emprehendida contra o rito da Igreja, e que é mãe da temeridade, irmã da superstição, filha da leviandade. Mas, si julgassem de outra fôrma, seria preciso consultar primeiro a autoridade da Sé apostolica e não seguir com tanta precipitação e irreflexão a simplicidade de alguns ignorantes.

Eu já havia constatado esse erro em algumas pessoas, e dissimulava, poupando uma devoção que vinha da simplicidade do coração e do amor da Virgem. Mas, achando a superstição entre os sabios e em uma Igreja nobre e celebre, da qual sou especialmente filho, (18) não sei si teria podido callarme sem irrogar-vos, mesmo a vós todos, uma grave offensa. Entretanto, o que disse seja dito sem prejuizo de uma opinião mais sabia: Sobretudo eu reservo todo esse negocio, como os que são da mesma natureza, ao exame e auctoridade da Igreja romana. Si penso de modo diverso della, estou prompto a reformar o meu sentimento sobre o della.»

Esta carta oriunda de tão grande

auctoridade, não podia passar despercebida; dahi o inicio da lucta travada tendo por objectivo o culto da Immaculada Conceição.

ARTHUR DE LIMA CAMPOS.

- (1) *Politica Positivista*, vol. III, pag. 485.
- (2) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie*.
- (3) *Culto da Immaculada*, Heliodoro Salgado, pag. 213.
- (4) As transcripções a seguir são de J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie*.
- (5) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie*.
- (6) R. Teixeira Mendes, *O Culto Catholico*, pag. 27.
- (7) J. B. Gergerés, *Le Culte de Marie*, pags. 23 e 24.
- (8) Festa da Assumpção, a 15 de agosto,
- (9) Lucas I, 41.
- (10) Salmo LXX, 6.
- (11) Salmo XXI, 11,
- (12) Jeremias I, 5.
- (13) Lucas, IV.
- (14) Este escripto á attribuido a Elziro, abbade de Inglaterra. (Vide Santo Anselmo ob. cit. pag. 507).
- (15) Exodo XX, 12.
- (16) S. Lucas I, 35.
- (17) Salmo I, 7.
- (18) S. Bernardo era filho da Igreja de Lyon, porque nasceu em Fontaine perto de Dijon, e o seu mosteiro de Clairvaux estava na diocese de Langres, que dependia da metropole de Lyon.

APANHADOS

A vertigem da neve O dr. Prompt conta que nos seus passeios pelos Alpes, sentiu diversas vezes a vertigem da neve, como outras pessoas que o acompanhavam experimentaram tambem. Elle se achava então totalmente cercado de neve; num momento, foi tomado duma especie de vertigem, um atordoamento que o atirava para o chão. A sensação se attenua apenas quando se fecham os olhos e desaparece quando se olha para qualquer coisa, um companheiro, um cão, a propria sombra. O dr. Prompt cita o caso dum gendarme de Bourgd'Oisans, que ficou preza duma vertigem quando ia levar um despacho; caíu sem sentidos na neve e morreria alli si um camponez não o tivesse levantado. Essas observações são particularmente interessantes; incitam a se perguntar si a doença das montanhas não é, muitas vezes, secundada ou aggravada pela vertigem da neve. Mostrando esses ultimos perigos e os meios de os evitar, aquellas observações nos lembram a imprudencia que ha em se aventurar uma pessoa, só, pelo meio da neve.

**

O automovel sobre o gelo Mais um outro automovel, para andar no gelo, acaba de apparecer. Um engenheiro de Minneapolis construiu um automovel, que, segundo elle diz, deve revolncionar o territorio de Alaska.

fornecendo um meio de transporte mais economico que o trenó puxado por cães que é actualmente o unico meio de communicações de que a Alaska dispõe no inverno. Esse automovel apresenta algumas particulares de estrutura muito interessantes. As suas rodas são substituidas por espiraes, parecidas com pedaços de parafuso; a beira livre é solida e cortante, á maneira do ferro dos patins, para assim morderem bem o gelo. Para dirigir o carro, não se age sobre o apparelho locomoitor, mas sobre uma especie de leme duplo, collocado na frente e atraz, consistindo em dois discos de aço em contacto com o gelo, orientados, elles tambem, como as rodas. O carro é um barco ao mesmo tempo; o engenheiro inventor pensa até em fazel-o fluctuar no caso do gelo ceder. Nos primeiros ensaios já corria, sem muito esforço, 30 kilometros por hora. E' aquecido a carvão ou a petroleo, mas a agua da caldeira é substituida pelo alcool, cujos vapores são condensados para serem depois utilizados novamente.

* *

Um signal verdadeiro da morte O terror de ser enterado vivo está bastaute espalhado e os signaes certos da morte são sempre os assumptos do dia. Muitos dos signaes apontados como verdadeiros não merecem attenção; com outros, porém, não acontece o mesmo. O que o dr. Ott indica hoje está baseado nos effeitos differentes que determina uma queimadura superficial, conforme atinja a uma pessoa viva ou a um cadaver. Assim ensina o dr. Ott: Estando descoberto o ante-braço, estendido horizontalmente, o lado anterior voltado para o sólo, deixa-se chegar, ligeiramente, a chamma duma vela á superficie da pelle. Si a morte é real, em poucos minutos prodúz-se uma empola que estala com algum ruido, mas que não contém gazes. Si, ao contrario, a morte não é sinão apparente, apezar da circulação ter parado ha algum tempo, obtém-se uma vesicula cheia de liquido ou uma placa de pelle mortificada, mas nunca uma bolha gazosa. O dr. Ott recorre a esse processo desde alguns annos e o considera como sendo duma certeza absoluta.

* *

As excavações em Roma O commendador Giacomoni, que dirige as excavações do *forum* romano, acredita ter descoberto a sepultura de Trajano. Cassiano e Eutropo contam que os restos do imperador tinham sido encerrados numa urna de ouro, transportados da Asia para Roma e depositados embaixo da columna Tra-

jano. O sr. Boni seguiu as explicações e fez abrir uma pequena porta situada no pedestal que, como elle pensa, dará descida ao tumulto.

* *

Musico hespanhol A Hespanha acaba de perder um dos seus compositores de musica mais fecundos e mais populares, Manuel Fernandes Caballero, o auctor do *Frasquito*, *Filhos do Capitan Grant*, *Campanero* y *sacristan*.

* *

Um esculptor aeronauta Um joven esculptor belga, naturalizado americano do norte, morreu numa ascensão em balão na costa oriental da America. Nocquet, assim se chamava o pobre artista, nascido em 1877, era belga e com vinte annos obteve o grande premio de esculptura na Belgica; depois, foi para os Estados Unidos e teve pelo presidente Roosevelt uma viva admiração; pouco antes de subir no balão, donde não desceria mais vivo, tinha modelado uma estatueta do presidente, em costume de casa, trazendo em cada mão um urso. Nocquet era um dos quatro esculptores americanos que podiam expôr no salão de Paris sem passarem antes pelo jury. Descobria-se em toda a sua obra a influencia de Rodin. Esse artista, que era um ascensionista apaixonado, encontrava nesse *sport* mais vigor e iuspirações admiraveis. Ha pouco mais dum meuz, elle partiu, só, num balão, de Nova York para uma aldeia visinha e no dia seguinte o seu cadaver foi encontrado na margem do Copp's Island.

* *

Duas peças italianas Representaram ultimamente em Turim, uma peça de Rovetta, *Il giorno della cresima* (o dia da chrisma) que caiu na primeira representação, e uma comedia de Antonio Traversi, *Carità mundana*, satyra com a caridade mundana das vendas e dos bailes para os pobres; as notas são muito picantes, mas a intriga não tem cohesão e unidade.

* *

A destreza dos cegos Os cegos, muitas vezes, depois de estudos pacientes, se tornam mais necessarios que as pessoas que vêem. Na Pensylvania, elles aprenderam a correr e a saltar. Ultimamente um cego deu um salto dum comprimento de 5 metros e 40 centimetros; um outro pulou por cima duma barra que tinha de altura quasi 2 metros. E' verdade que nos cegos o medo do vacuo não existe e elles teem sempre essa apprehensão de menos que os videntes.

* *

O maior pé do mundo Uma rapariga do condado de Surrey, na Inglaterra, tem 16 annos, e cada um de seus lindos pés mede 42 centimetros e elles promettem crescer ainda. Ahi está um *record* difficil de ser batido.

ARMADA NACIONAL

—

As nossas guarnições — As Escolas de Aprendizizes — Os seus commandantes, bons vivedores — O regimen da economia — A estopa de saccos vestindo aprendizizes — Sorteio — A figuração — Os foguistas — O exame que prestam quando são contractados — O imperio das circumstancias — Os factos.

As guarnições dos navios da nossa esquadra compõem-se, sobretudo, de duas especies de pessoal: marinheiros nacionaes e foguistas; e o preparo, quer de uns, quer de outros, é nenhum.

Os primeiros procedem, em geral, das Escolas de Aprendizizes Marinheiros; essas são em numero deficiente e deficientemente aquinhoadas no orçamento: preparam poucas praças e mal. Para fazer-se uma idéa do interesse que se liga áquelles estabelecimentos, basta que se diga que a *verba expediente* (compra de livros, papel, tinta etc.) destinada a uma escola com a lotação de 200 alumnos, é de 400\$000, quando a mesma verba, para o expediente do gabinete do sr. ministro da Marinha, é de 6:000\$000, quinze vezes maior! A quantia destinada pelo orçamento para remunerar um professor (unico) nas Escolas de Aprendizizes, é de cento e vinte e cinco mil réis, isto é, quantia inferior á que constitúe ordenado de um contínuo da Escola Naval! Accresce que, antes de posta em execução (janeiro do anno corrente) a nova lei, que tomou o nome do auctor—Thomaz Cavalcanti—o pessoal da armada que servia em cada escola era: um commaudante e um immediato; o primeiro accumulava as funcções de capitão do porto; não podia dedicar-se inteiramente; antes, até muito pouco cuidava da escola; o segundo tinha a roubar-lhe maior parte do tempo que pudesse consagrar ao preparo dos aprendizizes, a natureza das suas funcções, quasi meramente fiscaes.

Assim sendo, não era licito esperar, até hontem, maior rendimento das Escolas de Aprendizizes. A diminuir mais esse rendimento, havia, ainda até algum tempo atrás, o facto do pessoal dirigente não ser só exiguo, mas muitas vezes tambem pernicioso.

Para muitos commandantes de escolas, era esse um cargo de descanso e fonte de economias: a vida mais

modesta nos Estados exige menor despesa do que no Rio; os *meninos* podem substituir os creados, afóra outras muitas vantagens julgadas sempre legaes.

Quanto á instrucção dos alumnos, pôde-se bem avaliar qual seria, abandonada pelo proprio Governo desde o começo e depois por commandantes dotados daquelle modo de pensar. A matricula nas escolas diminua, não havendo quem se esforçasse para a elevar; os esforços eram até empregados em sentido inverso, sendo mais commodo administrar uma escola que de tal só tenha o edificio, os officiaes, o paiol e o . . . pagamento no fim do mez. O relaxamento chegou a tal ponto, em epochas felizmente passadas e em alguns desses estabelecimentos, que aprendizes, por falta de fardamento, andavam vestidos de estopa tirada de saccos de generos!

Fôram todas essas causas que determinaram os *fracos rendimentos* das escolas; comtudo, é força confessar que as ultimas apontadas — os commandantes philosophos egoistas — teem sido eliminadas pela actual ministro, que, sem o querer talvez, tem nomeado pessoal superior idoneo para dirigir aquellas instituições.

Sem o querer, dissemos, porque s. ex., ou desconhecendo aquellas causas, ou não querendo com a exposição das mesmas, censurar quem faz a proposta e confecciona o orçamento da marinha, e alienar as justissimas e antigas (e futuras?) sympathias de que goza na classe, condemna em principio aquellas escolas que fornecem aprendizes a tanto por cabeça, e quasi se propoz a as abolir. Entretanto, o Congresso Nacional, ignorante em assumptos navaes, não attendeu então, e felizmente, ás idéas ministeriaes e mandou até restaurar duas escolas que haviam sido extinctas; e s. ex., tambem felizmente, recebeu o quináu. Felizmente, porque, sem discussão para espiritos despídos de preconceitos e desemperrados, a Escola de Aprendizes Marinheiros, é a unica fonte onde a armada nacional pôde haurir os contingentes necessarios á renovação e ao augmento de suas guarnições. Posto de parte o mais que ridiculo, o até criminoso mal comprehendido espirito de economia, ou

mesmo melhor distribuidas as verbas do orçamento da marinha, de sorte que as escolas sejam mais bem dotadas; havendo escolha, conforme aptidões, para a nomeação do pessoal superior dessas escolas, fatalmente ellas produzirão contingentes numerosos e aptos.

Querer, sem attenção ás causas, eliminar as escolas por seu fraco rendimento, é um crime; crime commetteria o medico que matasse um doente por desconhecer-lhe a molestia.

Além dos marinheiros procedentes das Escolas de Aprendizes, existem na armada os voluntarios (em tão reduzido numero que não vale occuparmo-nos delles) e os sorteados. O sorteio naval, idéa antiga, foi posta em execução pelo actual ministro, que nelle vê o melhor meio de compôr as nossas guarnições.

Em um paiz novo como o nosso, em que o trabalho é bem remunerado, o sorteio é antes de tudo iniquo. Obrigar um patrão de barcaça, por exemplo, homem que goza toda a liberdade, *que commanda*, que tira do emprego o sufficiente para o sustento seu e de sua mais ou menos numerosa familia, obrigar esse homem, dizemos, a ir ser marinheiro de guerra, sob um regimen rigorosissimo e mal percebendo o sufficiente para a si proprio dar um máu tratamento, é iniquo, evidentemente. Depois de iniquo, é improductivo: improductivo quanto ao numero; já o ficou provado com o unico sorteio havido: de cerca de 2000 sorteados, a marinha não recebeu mais de 300; os que não se apresentaram fôram processados, condemnados, mas continuam, em geral, a exercer suas profissões e as sentenças condemnatorias fôram de nenhum effeito; e improductivo quanto ao valor profissional que adquirem: o marinheiro de hoje é muito diverso do que foi o marinheiro hontem; então, bastava trepar, uma enxarcia, ferrar um joanête ou chegar o fogo ao ouvido da peça. Isso se obtinha com seis mezes de pratica; agóra, não; o preparo de que um marinheiro precisa só se consegue, em uma marinha superiormente organizada, com nunca menos de um anno; na nossa marinha, nunca se consegue, porque a pratica é escassa e mal dada.

Si, porém, o fim do sorteio é preen-

cher os claros dos—corpos de parada — que são hoje as guarnições da nossa esquadra, então sim, o sorteio é de alguma utilidade.

As praças da marinha formam hoje effectivamente — corpos de parada —; teem quasi que exclusivamente uma função decorativa e, como hoje se diz, de figuração; uada melhor o attesta do que o Corpo de Infantaria de Marinha, que, além daquelles papeis representa o de — trem-terra —; enfeite para prestar honras ao presidente da Republica ou a um ministro estrangeiro, no Arsenal de Marinha; *papão* a 14 de novembro de 1904, *fingindo* de esteio da Republica, tomando depois Porto-Arthur da Saúde; policiando a cidade nos dias de carnaval ou dando desembarque na Gambôa para prender desertores!

Por isso, talvez, por terem comprehendido que as funcções das forças da marinha são apenas decorativas, é que as diversas administrações que teem tido o Corpo de Marinheiros Nacionaes, capacitaram-se de que no quartel deste, não se deve procurar preencher as lacunas no preparo das praças alli aquarteladas: só se lhes ensina infantaria e musica; é common haver no quartel de Willegaignon, mais musicos, do que especialistas de outro ramo; quanto a infantas, todos o são, o que não impede os *fiascos* nos dias de desembarque, os quaes ultimamente teem sido em profusão. Quanto á musica, é tão bôa que attraíu a attenção do critico musical do *Paiz*, cremos, em 15 de novembro do anno findo.

E, tão desvirtuadas estão hoje as funcções de marinheiros e infantas de marinha, que o proprio ministro, em seu relatorio do anno passado, soliciitava do Congresso auctorisação para elevar o effectivo do Corpo de Infantaria de Marinha, afim de poder mais efficazmente ser feita a policia do littoral! S. ex. poderia ter accrescentado — e do carnaval. Um membro do Senado, relatando esse projecto, ironico por vezes, por vezes rude, combateu-o magistralmente por palavras taes, que nós traduzimos assim: é preferivel presentear a rua Evaristo da Veiga, ou mais propriamente Barbonos, com a Ilha das Cobras. E de facto era: a

utilidade do Corpo de Infantaria de Marinha é maior sob o ponto de vista policial, do que sob o ponto de vista naval. E si não fôsse nos alongarmos de mais em um assumpto ingrato, juntaríamos mais provas; mas é já desnecessario provar melhor o que está no espirito de todos; além disso esperam-nos os foguistas, de que nos temos de occupar ainda no presente artigo.

Delles pouco diremos no emtanto; aliás, é facil comprehender como e quantos são os que guarnecem as machinas dos nossos navios; são pouquissimos, tão poucos que, quando sáe alguma divisão do Rio, se arrebanham os foguistas de todos os navios: os vasos que ficam no porto permanecem com as suas machinas desguarnecidas.

Essas praças eutram para o serviço da Armada por contracto: quando se contractam, o unico exame que prestam é de robustez physica; si já fôram ou não foguistas, si tem ou não bom comportamento, si já fôram ou não expulsos do serviço da Armada sob um outro nome, não se indaga: a urgência de circumstancias e a carencia de foguistas assim exigem.

E' facil ver que não é em geral superior ao dos nossos machinistas o valor dos fognistas.

TONELEIRO.

— — —
O ALMIRANTE (86)

— — —
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — —
CAPITULO XXVIII

Dolores, de olhos fitos no rosto de Hortencia, numa ancia de lhe devasar a alma, continuou a fazer considerações misturadas de piedade e ternura sobre a situação de uma recém-casada, transportada de repente da doce ignorancia da innocencia, arrancada das phantasias de moça para a realidade, ao principio aspera, cruel como uma profanação, eriçada de surpresas, de revelações pavorosas ou commovedoras até se clarear o nupterio do amor explicando toda a natureza, descortinando novas perspectivas, novos aspectos da vida. Passada essa phase estranha de sensações ignotas, a mulher, completada na funcção physiologica pela plena expansão affectiva, se tornava superior, dominadora, victoriosa.

Não era indispensavel — ponderou Dolores, em phrase cada vez mais exci-

tada e observando sempre o effeito das suas palavras — que se amasse o homem escolhido pelo destino ou pelas affinidades do meio para chegar a essa perfeição, a esse gráu de superioridade da mulher emancipada pelo casamento.

A intervenção do amor como causa essencial das allianças, como propulsor de duas creaturas uma para a outra, váe sendo dispensada no estado actual dos costumes, transformados pelo senso pratico, pela intuição positiva dos interesses da familia e da sociedade, tendo por base a instituição do casamento, emquanto este fôr o meio de legalizar o geneze humano.

E' muito raro cazar a mulher com o homem verdadeiramente amado. A escolha do coração é quasi sempre um desacerto, ou uma desillusão; o souho de poesia se desfez, ao embate de decepções pungentes. Está para nascer o homem que concretize o idéal da esposa apaixonada: todos elles são mais ou menos asperos, brutaes ás vezes.

Disso concluiu Dolores pelas vantagens das allianças dictadas pelas conveniencias como a delle com o Dadá. Poupavam-se, assim, as torturas das decepções e a sociedade conjugal não era abalada no seu inicio.

— A gente se habitúa — ponderava ella, meigamente — com o irremediavel, da mesma fórma que os cégos, os aleijados se resignam aos accidentes que os privaram da vista, do movimento. E, quando esse habito se fixa, se consolida, transformando a nossa propria natureza, as nossas tendencias, os nossos idéaes, vive-se feliz.

Hortencia ouvia com horrorizada attenção essas considerações paradoxaes que se lhe figuravam monstruosas.

Dolores proseguiu prevendo todas as hypotheses, os pró e os contra dessa união romantica, deliciosa aventura que lhe espicaçava os nervos fatigados pela monotonia da vida banal.

— Imaginemos — proseguiu ella — que não amas teu marido, que te repugna a união com um homem que poderia ser teu pae, que te parece impossivel transformar a ternura filial em amor; imaginemos que elle te não ame, que tu surjas no seu caminho de celibatario, embotado, causado de prazeres vulgares, como excitante novidade, abandonada depois do sacramento como flôr emurchecida, sem a frescura, sem o perfume seductor da primeira aurora. Não te commovas, não te assustes com essa feia perspectiva que é o aspecto vulgar, a historia corriqueira dos dias immediatos á lua de mel: essas decepções mortificantes não impedem viverem relativamente felizes, numa doce harmonia de bons amigos, numa associação de tolerancia, de condescendencias reci-

procas para evitarem attrictos, supprimindo as desigualdades, os vazios da adaptação iuperfeita. Tu te habituarás á intimidade desse homem bem educado, de maueiras delicadas, de fua geutiliza, um homem digno de qualquer mulher por mais exigente que seja, um homem perfeito, ajuntando aos dotes physicos, talento, posição, fortuna... e a immensa herança da marquezia. Sómente isso, os meios de satisfazer todos os caprichos, compensa todos os sacrificios, mesmo o de outro amor...

— Dolores... — gemeu Hortencia, pungida no coração.

— Não faças caso dos commentarios que tanto impressionam as mulheres fracas, inferiores, vulgares. Essas que te malsinam á surdina, nessa puridade hypocrita da malediceucia venenosa, são despeitadas, deslumbradas pela victoria que a fatalidade te proporcionou; são iuvejosas, que sacrificariam tudo por um olhar de Oscar, por um beijo de seus labios.

A voz de Dolores, extenuada dessa dissimulação cruel, tremia como um estertor.

— Como dizes isto? — inquiriu Hortencia, num impeto irrepresivel, dardejando sobre ella um olhar ameaçador, onde rutilavam chispas de ciúme.

— Digo — repetiu ella, em agitação crescente — como quem sente, como quem o ama...

— Tu!

— Sim, eu.

As duas mulheres se ergueram a um tempo e recuaram em attitude aggressiva.

— Não me queiras mal por ser sincera — murmurou Dolores, humilhando-se num dorido tom de supplica — Que tens com isso, com o passado? Si fui culpada por um desvairamento, por um acto de loucura, estou sobejamente punida, Hortencia, punida cruelmente. Deves ter comprehendido a minha triste situação. Eu fugi, no dia do desastre, por faltar-me coragem para vel-o morrer, para evitar o escandalo da minha dôr, escandalo que me não perdoariam jámais, e volto agóra, com sobrehumano esforço, para pedir-te perdão; volto submissa á fatalidade para invejar-te, para dizer-te que és a mais venturosa das mulheres. Elle te compensará a perda da tua illusão de moça.

Como Hortencia vacillasse, sacudida por essa iusinuação perversa, Dolores curvou-se e quasi de joelhos beijou-lhe as mãos.

(Continúa).

— — —
Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segunda semestres de 1905.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Novas alterações no programma do Congresso Internacional de Ostende, em vista do grande numero de jogadores inscriptos, 36, a saber :

- Balla, Hungria.
- Bardeleben (de), Allemanha.
- Bernstein, Allemanha.
- Blackburne, Inglaterra.
- Burn, Inglaterra.
- Caro (H.), Allemanha.
- Cohn (W.), Allemanha.
- Duras (O.), Bohemia.
- Fahrni, Suissa.
- Forgaes, Hungria.
- Gattie, Inglaterra.
- Janowski, França.
- John (W.), Allemanha.
- Jonher (P.), Estados Unidos.
- Leonhardt, Allemanha.
- Lewitt (Dr.), Allemanha.
- Maljoutin, (B.), Russia.
- Marco (G.), Austria.
- Maroczi, Hungria.
- Marshall, Estados Unidos.
- Mieses (J.), Allemanha.
- Perlis (Dr.), Austria.
- Post (E.), Allemanha.
- Reggio, Italia.
- Rubenstein, Russia.
- Salve (H.), Russia.
- Schlechter, Austria.
- Sherrard, Egypto.
- Snosko Borowski (E.), Russia.
- Sournin (V.), Estados Unidos.
- Spielmann, Baviéra.
- Suchting, Allemanha.
- Swiderski, Allemanha.
- Taubenhaus, França.
- Tschigorine, Russia.
- Wolf (H.), Austria

Como se está vendo, R. Teichmann não participa do congresso, não se sabe porque. Ao sair daqui, elle contava ser dos inscriptos, embóra considerasse os premios pequenos.

Não fatigaremos os leitores explicando a combinação feita para tornar interessante o pleito. Basta que saibam que se fará o torneio em 4 etapas, retirando-se 12 depois da primeira, 6 depois da segunda, 6 depois da terceira, ficando 6 na ultima, que será em dois turnos: nesta, os premios irão de 4.000 a 700 francos, além de uma medalha de ouro para o 1º lugar. Os demais jogadores que se fõrem retirando terão premios baixos, de consolação.

Este é o torneio dos mestres que teve começo a 4 de junho; além d'elle, haverá os outros de que já demos noticia.

— G. Lazard conquistou o campeonato do Circulo Philidor.

— Está decidido o *match* para o campeonato do mundo entre o dr. E. Lasker e G. Maroczi. O *match* começará a 15 de outubro proximo, será vencedor o que primeiro ganhar 8 partidas, não contando as nullas: 15 lances por hora; 6 dias de jogo por se-

mana, mas em cada semana não se começará mais de 3 partidas; 6 horas por dia entre 1 hora e 11; tres séries, a primeira na Europa e as outras duas na America, terminando a primeira quando um dos jogadores tiver ganho 3 partidas, a segunda quando tiver ganho 5, a terceira terminará o *match*. Aposto de 2.000 dollars. Commissão arbitral: professor Rice, de Nova-York; o juiz Ponce, de Havana; A. Martinez, presidente do Manhattan Chess Club; o barão de Rothschild e o conselheiro von Trebitsch, de Vienna. O dr. E. Lasker é Campeão do Mundo desde 1894, auno do seu primeiro *match* contra o campeão Steinitz, nos Estados Unidos. Nesse *match*, ganhou 10 partidas contra 5, e 4 nullas; em um segundo, realizado em Moscow, venceu por 10 contra 2, e 5 nullas.

— Pillsbury continúa enfermo em Philadelphia, mas ha esperança de salvá-o.

O XADREZ NO RIO

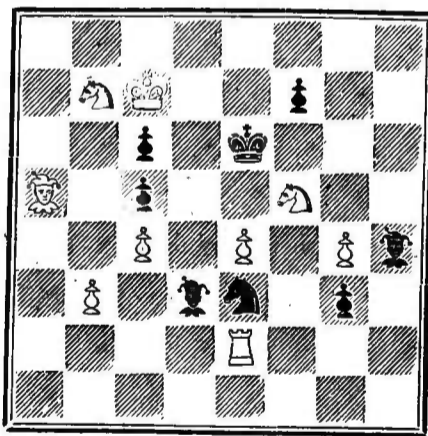
O Paiz creou uma secção de xadrez muito interessante, cujo redactor, assignado *Quatro estrelinhas*, toda gente diz que é o dr. Henrique Costa, um dos mais fortes amadores brasileiros. A secção é feita com verve e arte. Está ahi um exemplo que todos os jornaes do Rio Janeiro deviam imitar. Antes isso que as loterias.

Quanto ao torneio internacional, já ha um numero de adhesões que quasi lhe garante o exito.

PROBLEMA N. 52

H. de Barros e Azevedo (Rio)

PRETAS (8)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances

PARTIDA N. 58

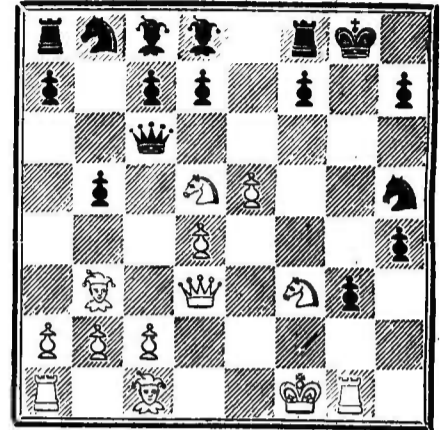
(Jogada no torneio nacional russo a 10 de janeiro de 1906)

GAMBITO DO BISPO DO REI

Branças	Pretas
(B. Malioutine)	(E. Levitski)
P 4 R — 1 —	P 4 R
P 4 B R — 2 —	F X P
B 4 B D — 3 —	D 5 T R x (a)
R 1 B — 4 —	C 3 B R (b)
C 3 B R — 5 —	D 3 T R (c)
C 3 B D — 6 —	B 2 R
P 4 D — 7 —	Roque
P 5 R — 8 —	C 4 T R

T 1 C R — 9 —	P 4 C R
P 4 C R — 10 —	F X P e. 1
C 5 D — 11 —	B 1 D
P 4 T R — 12 —	D 3 B D
D 3 D — 13 —	P 4 C D
B 3 C D — 14 —	F X P (d)

Depois do 14.º lance das Pretas



B 5 C R — 15 —	B X B
C X B — 16 —	D 3 T R
C 7 R x — 17 —	R 1 T
D 3 R — 18 —	C 2 C R (e)
R 1 R — 19 —	D 4 T R
D 4 B R — 20 —	B 2 C D
C X P B x — 21 —	T X C
B X T — 22 —	abandon.

(a) 3... P 4 D; 4 — B X P, D 5 T R 5 — R 1 B, P 4 C R, é geralmente considerado como a melhor defeza.

(b) Jaenisch, segundo o *Handbuch*, de parecer que este lance condúz á egdade, mas o jornal *Nordische Skaktide* (1873) o considera máu. Quem terá razão?

(c) No *Handbuch* e em outras obras e lance não é mencionado. Examina-se a riante 5... D 4 T R, a qual é exposta com a melhor resposta 6 — D 1 R em vantagem e Brancas, 6... P 3 D, 7 — P 5 R, P X 8 — C X P, B 3 R; 9 — C X P, etc.

(d) 14... R 1 T parece melhor para n ter que se defender depois de 15 — B X P X P; 16 — C X B, etc., contra a ameaça C 7 R x e assim ter tempo de jogar P 3

(e) A 18... C 3 B D, as Brancas teriam respondido igualmente 19 — R 1 R, amando C X P B x.

(f) As Brancas conduziram muito bem o ataque e de um modo seguido. Si 22. D 6 B R, dão mate em dois lances.

(Notas de Tschigorine.)

H. DE BARROS E AZEVEDO. — O seu primeiro problema tem duas duaes: para 2. R 2 B ou P 4 T R, as Brancas podem dar mate com uma ou outra torre. Demais a inicial é quasi evidente por causa do xadri com a torre preta; as variantes são pobre. Veja si o corrige convenientemente. Publicamos o outro, embóra achemos muito aggressiva a inicial e tambem intuitiva; mas a idéa é boa. Continúe a mandar-nos os seus trabalhos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 51 (F. Mendes de Moraes Filho): C 7 C D.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

Vendem-se collecções dos «Annaes» ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.